



Francisco Augusto Metrass.

FRANCISCO AUGUSTO METRASS

O curioso de cousas de arte que entrasse na Sala do Risco, por ocasião da Exposição Philantropica de 1851, não podia deixar de reparar, por entre a diversidade tumultuosa de objectos que vestiam as paredes de alto a baixo e occupavam todo aquelle vasto parallelogramo, n'um pequeno quadro que estava pendurado a quatro ou cinco metros de altura, ao fundo da parede do lado direito, quasi proximo ao angulo do sul do salão. Era o retrato de um mancebo, ao que parecia de vinte e quatro a vinte e seis annos, de insinuante e melancolico parecer, embuçado n'um manto escuro, e que tinha na cabeça um chapéu á veneziana inclinado sobre o hombro com artistica displicencia. Eu não sei se conhecem os retratos de Raphael e de Bellini, suaves e expressivas physionomias que o viajante observa na galeria *Barberini* de Florença, e no Muséu do Louvre, physionomias em que ha impressa uma inexplicavel e profunda sensação de magoa, que lança como um crepe de tristeza sobre a irradiação do genio que resplende d'aquellas formosas frentes. São d'estes semblantes que, pela expressão de candura e ao mesmo tempo contemplativa e ideal que lhes inunda o olhar, parecem contar-nos desde logo a sua historia e predizer-nos até os seus destinos. N'aquelle sentimento vago de melancolia ha de certo o presentimento de uma existencia brilhante para os triumphos

da arte, mas que a mão de um destino infausto corta rapido para os gózos da vida. Dir-se-ha, ao contemplar os traços de meditação penosa que lhes imprimira no rosto o sentimento doloroso de uma saudade infinita, que aquellas almas sentem e adivinham todos os lances da sua sina. Quando se olha para aquelles retratos, o coração confrange-se. Não é um retrato que vemos, é uma historia que lemos e profundamos. Tudo está ali resumido n'aquellas feições melancolicas e contemplativas, repassadas de saudade e voando em aspirações ideaes. Percebe-se o genio fadado para abranger largos horisontes e ao mesmo tempo presentem-se os limites estreitos de uma existencia que a mão da morte affoga antes d'ella vér desabrochar todas as suas illusões e florir todos os seus desejos. E é d'esta lucta de um ideal, que desprega azas audazes e carece de ambito e ar para os seus vóos, com a estreiteza do espaço que lhes embarga o impeto, oppondo-lhes o termo da vida, que resaha a magoa intima que vem tingir de um pesar profundo aquellas faces descoradas, finas e transparentes.

E todas estas mesmas sensações se experimentavam ao considerar o retrato da Sala do Risco, porque o mancebo que representava era exactamente um d'estes espiritos de selecção, que teem de passar por entre nós, como o viajante que mal chega a hospedar-se no gremio dos amigos que anciosos o esperam, e que mais anciosos presentem já o adeus sem esperança da despedida que irá seguir-se em breve.

Este retrato era o de Francisco Augusto Metrass, joven pintor que voltava por esta época de uma viagem artistica em Italia e França, e que, solicitado, aproveitava a conjunctura para expôr varios dos seus estudos feitos em Roma.

E quem me havia de dizer a mim, que ainda o não conhecia então, e que fui depois seu amigo, e sincero admirador do seu character e do seu talento, que as impressões que experimentava em frente do seu retrato, seriam dentro em poucos annos factos realizados que haviam de pôr termo á sua existencia?!

O coração não me adivinhou tanto, de certo, porque ainda passados tempos, quando depois de relações de estima nos estreitarem já, e os seus estudos haverem assumido o grau de amadurecimento e perfeição que depois o proclamaram um distincto successor de Sequeira, projectei fazer uma analyse dos seus quadros, ajuntando-lhe os principaes lineamentos biographicos do artista, mal diria eu que a analyse tinha de cerrar-se sobre tão breve quão esperançoso cyclo de trabalhos, e que a biographia haveria de volver-se em necrologio! E assim foi. O retrato era pro-

gnostico da sua existencia. Aquella fronte ampla e tranquilla, sob a qual se abriam com indizivel expressão de doçura dois olhos de cõr desmaiada e que pareciam volver-se mergulhados na melancolia serena e resignada da alma que se disprende da vida sem queixumes nem desejos; o nariz delicado e ao de leve tocado de uma tinta azulada, como se a finura da pelle deixasse transparecer o azul das veias; aquellas faces que ainda na primavera da vida haviam perdido já o frescor da mocidade; a bocca fina, meiga e triste, tudo isto era de certo o terrivel conjuncto de symptomas d'essa sensibilidade viva, que devora as forças da existencia com a propria intensidade da sua chamma interior. E nem os desejos dos amigos, nem os conselhos e diligencias da sciencia, que foram sollicitos e insistentes, poderam lutar contra esta enfermidade, cujos germens o attribulavam já desde alguns annos. Depois de duas penosas viagens, em que debalde procurou conforto, Metrass nem teve forças para regressar á patria! Falleceu na ilha da Madeira, em 14 de fevereiro, quando contava apenas 36 annos de idade, e entregue á duplicada angustia de expirar longe dos seus e quando a plenitude do seu talento lhe promettia mais completos e brilhantes resultados. Tantas esperanças encerrou-as para sempre um feretro, funebre e solemne deposito, o unico que nos trouxe o mar, depois de tantas inquietações mollogradas, de tantas incertezas e sobresaltos frustrados no desejo de saber e seguir as menores alternativas, ora de esperança, ora de desengano, por que passou até ao derradeiro suspiro o ultimo periodo da sua doença!

Francisco Augusto Metrass nasceu a 7 de fevereiro de 1825. A sua inclinação foi sempre para a pintura. Seu pae desejava talvez antes que elle tivesse seguido a carreira do commercio, e para a sua compleição delicada e melindrosa, que um sentimento vivo da arte, depois activado e estimulado por cogitações e estudos constantes, não podia deixar de agravar, não sei se houvera sido melhor. É verdade que as artes do desenho teriam perdido um filho predilecto, mas a amisade contaria ainda por longos annos um esteio seguro, porque no joven professor os dotes moraes eram como o realce das suas qualidades de artista.

E não pensem que a menção e elogio d'estes dotes vem aqui tão sómente como banalidade penegyristica, por que hei de insistir na apreciação e até na analyse da sua natureza, pois

*

é exactamente da notavel preponderancia da doçura da sua indole moral em todas as suas obras, que vemos sairem os poucos rasgos da individualidade que ahi se observa, individualidade que não chegou a completar-se e a reunir os elementos dispersos e talvez ainda indecisos da sua physionomia, mas que se manifestava e existia de certo.

Mettrass entrou para a Academia das Bellas-Artes de Lisboa em 1836, na época em que se deu a reforma promovida pelo ministro de Estado, Manuel da Silva Passos. A reorganisação da Academia incitou a cultivarem os diversos ramos da pintura e escultura, uma phalange de mancebos distincta, da qual depois saíram vocações que o tempo e o estudo definiram de um modo honroso para as artes e para o paiz, como foram Annunciação, hoje professor proprietario da Aula de Paizagem; Sousa, professor de Gravura; Monteiro, fallecido quando já occupava uma cadeira de desenho n'um dos nossos Institutos scientificos, e outros mais, que depois seguiram differentes rumos, não sem deixarem titulos meritorios da sua applicação nas diversas aulas da Academia.

A primeira occasião em que vemos apparecer Mettrass é no concurso triennial de 1843, junto com seus condiscipulos Fonseca, filho, Joaquim José Marques e João Pedro de Sousa. O assumpto que foi destinado ao exame foi a *Creação do homem*, tractado n'um quadro de um metro e 35 centimetros de largo, e 1 metro e 13 centimetros de alto; assim como o episodio biblico do *Regresso do filho prodigo*, para ser feito n'um imprompto de tres horas. Foi o alumno Fonseca que obteve o premio da medalha de ouro, e a menção do *Accessit* coube ao alumno Marques. Nenhum d'estes assumptos era de certo para ser tractado por discipulos, que ainda mal começavam a devassar os segredos do pincel: o pouco conhecimento do estudo do *nú*, as difficuldades de reproduzir a estructura humana, e sobretudo as difficuldades de satisfazer com tão estereis elementos os preceitos da composição, tudo isto se revelou nos quatro trabalhos, e ainda mais nos esbocétos, que tanto uns como outros ainda hoje se vêem na Academia, e provam quão longe estavam as forças de qualquer dos alumnos concorrentes para executarem tão ingrato thema, que mais pareceu inspiração de alguma escola mythologica, do que pensamento de instituto moderno.

Noentanto, estas mesmas circumstancia de esterilidade para as faculdades mais imaginativas e affeitas á composição, e de difficuldade nos processos que só podem produzir os decisivos resultados da pintura historica que se offereceram n'este exa-

me, deram a conhecer a Metrass os obstáculos que tinha para vencer, se quizesse alcançar os verdadeiros destinos da arte, e foi talvez d'este conhecimento que lhe nasceu o desejo de querer ir fóra, afim de vêr o que havia de melhor nas academias e muséus, pois só assim poderia dirigir logo desde o comêço a sua educação artistica com os conselhos e exemplos, tão abundantes e fecundos em Italia, França e Allemanha.

E o estado então da Academia, apesar dos desejos do ministro que lhe havia presidido á reforma e dos esforços dos professores, não correspondia ainda ás exigencias e legitimas aspirações do artista. E tanto assim, que o mesmo professor de pintura historia, o sr. Antonio Manuel da Fonseca, conhecendo a necessidade de procurar uma instrução mais solida e regular, acabava por este mesmo tempo de chegar de Roma, onde estivera por alguns annos estudando os primores da escola romana, bolonheza e florentina, que lhe fizeram conseguir o estylo largo e o brilho de colorido que hoje o tornam um imitador distincto de Raphael. E esta necessidade de estudar, com os grandes modelos diante dos olhos, as tradições da pintura e da esculptura, foi sempre reconhecida pelos nossos pintores mais illustres como um fundamento da educação artistica, e ao mesmo tempo como a sua parte complementar: nas academias e conselhos dos mestres afamados, viam elles o ensino das regras e theorias; e nas observações das galerias e muséus, encontravam os exemplos das diversas escolas, cuja analyse comparativa instrue na historia da arte e fecunda a imaginação, habilitando-a para os mais audaciosos processos da composição. Coelho, Fernando Gomes e Campello foi procurando estas inspirações que fortaleceram o seu talento e deram de si tão bom nome. A chamada *Academia de Portugal*, instituida em Roma por D. João v, creou-a elle com estes intuitos. Este monarcha, que n'outras obras arrojadas imitára tão de perto Luiz xiv, tambem na creação d'este instituto artistico teve em vista as idéas do principe francez, que fundára igualmente em Roma um estabelecimento analogo. E a sua instauração foi para logo auspiciada com a presença de vocações como Vieira Luzitano, Ignacio de Oliverin, Vieira Portuense, Sequeira, Taborda e outros que não alcançaram nome tão notavel.

Mas este impulso que D. João v soubera dar ás artes, proporcionando-lhes o ensino e os exemplos na Academia de pintura de Roma, e depois o emprêgo das suas forças nas obras sumptuarias com que perpetuou o seu reinado, como o mosteiro de Mafra, o Aqueducto das Aguas Livres, e a Capella de S. João em

S. Roque, tudo este impulso affrouxára, e por mais que o marquez de Pombal tentasse depois reanimar-lhe os alentos perdidos com a criação da novas aulas e incentivos, todas essas tentativas deram apenas em resultado massiços de pedra sem nenhum genero de belleza architectonica, como a Praça do Commercio, e a cópia pygmêa de magnificos monumentos, como o Convento do Coração de Jesus, sombra alterada e mesquinha de S. Pedro em Roma. As artes, que não podiam ser indifferentes aos acontecimentos da sociedade politica, tinham por força de abater o vôo, timidias e desmaiadas, diante dos dois temiveis espectros que então apavoravam os animos e enfezavam os talentos: a inquisição e o jesuitismo. São decerto d'essas éras alguns mestres que conseguiram reagir na tella, e com o buril na mão contra essas glaciaes influencias, como Joaquim Manuel da Rocha, Francisco Apparicio, Barreto e mais algum raro; mas a verdadeira personificação d'essa quadra resume-se, para a pintura, em Pedro Alexandrino, pincel abundante e facil, mas sem inspiração, sem calôr, nem individualidade, copista na maior parte de gravuras italianas, que trasladava com a mesma desanimação da estampa nas combinações frouxas do seu colorido deslavado. A edificação do Paço da Ajuda veiu ainda evidenciar mais esta declinação rapida em que iam as coisas de arte. Da mesma sorte que o espirito litterario, em decahindo se torna rhetorico, porque os esforços da erudição tentam supprir as concepções do talento, do mesmo modo o genio das artes, em havendo causas que o obrigam a encolher as azas, recorre aos conceitos alambicados das quadras de mau gosto, e mascara-se com a allegoria e a symbologia, pobrissimos disfarces com que os rhetoricos das artes tentam debalde encobrir a ausencia da idéa creadora. O palacio da Ajuda é o mais triste monumento de uma d'estas épocas de gosto pervertido. A allegoria triumphou n'aquellas salas, onde o genio da pintura entrou como hospede, e se despediu breve, depois de ter apenas assinalado a sua passagem nos episodios da aclamação de D. João IV, de Taborda, n'alguns raros traços de Sequeira nas sancas de uma ou duas salas, e em tres ou quatro quadros do Vieira Portuense; mas tudo injuriado, aborrecido, apoucado pelas exoticas concepções da mania allegorica de Cyrillo, Foschini e Calisto, á frente das quaes figura como o devaneio mais piégas d'este genero D. João VI *sobre uma concha*, aportando ás praias de Portugal. O observador intelligente, e até mesmo aquelle que o não seja, não póde deixar de lastimar vivamente a sorte d'aquelle principe infortunado, que, depois de se vêr constrangido a deixar a patria e o reino á mercê das am-

bições francezas, regressa ao patrio ninho dentro de tão exquisto galeão. A phantasia do pintor insultou a magestade do infortunio, e ainda mais a magestade do orgulho portuguez. Entra-se n'aquella sala com estranheza, e sáe-se com tédio.

Depois d'isto seguiram-se as discordias intestinas e as guerras civís que acabaram em 1834, que obrigaram a depôr os pinceis, e a esquecer a palheta completamente. Até os trabalhos da Ajuda pararam, que este facto foi de certo um beneficio para as artes entre nós. É pois n'este estado de coisas, quando a pintura e a esculptura haviam caído em tão fundos abysmos de máo gosto, que foi reorganizada a Academia das Bellas-Artes. O intento foi fecundo e altamente providente, como depois se mostrou; mas a nova criação não podia, n'um dia, saccudir de si as fataes influencias que lhe havia accarretado a decadencia de annos, e decadencia motivada por causas que traziam raizes de longe. O sr. Fonseca já havia conhecido isto, como fica dito, indo procurar em Italia a recordação das tradições dos mestres do seculo xvi, e Metrass seguiu o exemplo do seu professor.

Metrass dirigiu-se directamente a Roma. Nunca viajante, partindo para a Italia, sentiu em si tão fervente a devoção do artista que se identifica com todas as tradições. Metrass contava então dezenove annos; era gentil, havia sempre vivido na roda elegante, possuia até aquelles habitos de finura e distincção que mais o apresentavam como um dos nossos casquilhos ricassos e ociosos do que como um cultor insistente e fervoroso das artes. N'estes casos não era para admirar, se a sua viagem a terras tão cheias de encantos para o espirito e para o coração, tivesse desvios, e elle se tornasse muitas occasiões, em vez de espirito applicado, *tourista* devaneador e esperdiçado. Mas não foi assim: Metrass consagrou-se ao estudo, e nada o distraiu do religioso proposito da sua visita á Italia. Overbeck foi o mestre que elle procurou para dirigir os seus estudos; e nenhum realmente mais adquado á natureza tranquilla dos seus pensamentos artisticos. Overbeck era um dos primeiros pintores allemães que tinham feito uma viagem á Italia, no segundo quartel d'este seculo e ahi haviam persistido com o fim de aperfeiçoar os seus estudos. Ligado depois a Cornelius, que não tardou muitos annos a seguil-o, formaram o centro da colonia artistica allemã, em que entraram Veit, Shadow e Schnorr, e o gravador Ansler. Era n'este cenaculo composto de homens já notaveis, e que depois se tornaram os apóstolos e doutores da nova escola germanica, que se ventilavam as mais elevadas questões de esthetica, que se investigavam e comparavam os processos dos mestres antigos, e que d'este tra-

balho todo se deduziam as theorias que não permanceram em sonho de artista, graças á dedicação ás artes do principe Luiz de Baviera, que dentro em pouco chamou Cornelius para o incumbir dos *frescos* das salas da Glyptotheca e da egreja de São Luiz de Munich. Foi pois no seio d'estas tradições e doutrinas cujos debates ainda não haviam esquecido, e que pelo contrario conservaram completa importancia nos discipulos que os procuravam, que Metrass começou de novo a direcção de seus estudos.

Os principios da escola allemã não eram os que se casavam mais com a indole de Metrass: o seu pincel, apesar de hesitante animava-se já mais do sentimento que das profundas theorias da arte. As pretensões de philosophia e esthetica que tornam tão completas, debaixo do aspecto litterario, as vastas e complicadas composições dos modernos mestres das escolas de Berlin, Munich, Dusseldorf, Dresde e Francfort, são de certo temas que devem occupar em todos os tempos os espiritos profundos que façam das artes do desenho assumpto de graves cogitações; mas para o filho da Peninsula, estas abstracções não podem manter-se no rigor metaphysico da sua elevação ideal, porque a ardencia, o fogo, o entusiasmo do seu temperamento lhe perturbam a serenidade indispensavel para as meditar e resolver. Noemtanto, Overbeck, apesar de allemão na sciencia e na profundeza das suas concepções, em todas as relações moraes com que a arte prende ao coração, era italiano pelas predilecções do seu genio artistico e sobretudo pela doçura e elevação ideal do sentimento que n'elle tanto prepondera. A Allemanha chama-lhe o seu Raphael, e nenhum grande mestre antigo corresponde melhor ás tendencias d'este illustre pintor. Natureza pacifica, espirito religioso, alma angelica, foi em Roma que elle passou quasi toda a sua vida, contemplando as formosas e inspiradas composições do Vaticano, e embuindo o espirito na verdade e unção religiosa que parece inundar de luz ineffavel algumas d'aquellas bellas cabeças.

O caracter moral e artistico de Overbeck explica ainda melhor a sympathia que para logo attrahira Metrass para elle, do que ainda mesmo a sua reputação de grande mestre; e as causas d'esta tendencia, que foram a afinidade de doçura de caracter do discipulo e do mestre, continuaram depois a manifestar-se e a desenvolver-se á medida que o talento de Metrass se foi patenteando, porque foram estes dotes de brandura e suavidade que influiram em quasi todas as inspirações e lhes firmaram os traços do seu caracter de pintor, como já dissemos e ao diante mostraremos com a analyse das suas producções.

Entregue pois á direcção de Overbeck, que foi ainda mais que seu mestre, que foi seu iniciador, aprendeu com elle não só a pratica de muitos dos melhores processos da arte, mas as theorias que depois o ensinaram a interpretar e a realisar a pintura, tanto religiosa como profana, com a elevação de sentimento, com a suavidade de estylo, e sobretudo com a nobreza e brandura de expressão moral, que allumia as suas principaes obras da idealidade serena, que semelhante á luz branda que bruxelêa em leves ondulações dentro da redoma de alabastro, derramando em torno de si um crepusculo suavissimo, se exhala dá sua alma terna e contemplativa.

O primeiro fructo d'estas lições mais notavel foi o quadro de *Jesus acolhendo as creanças* (*Sinite parvulos venire ad me*), tirado do Evangelho de São Matheus. Este quadro participa das hesitações tão naturaes no talento que larga um systema de ensino e enceta outro. O quadro é de pequenas dimensões, pois tem 70 centímetros sobre um metro de largura, mas o assumpto, complexo e assaz exigente pelas tradições biblicas que não é possivel deixar de respeitar, fórma por si o thema de um exame de qualquer pincel já affeito a devassar os segredos da composição e do colorido. E Metrass, apesar da sua applicação, ainda não estava preparado para vencer taes difficuldades. A composição é frouxa. Vé-se Jesus Nazareno sentado no meio de um átrio, tendo aos lados os discipulos de pé, e agrupados. Estes grupos, elevando-se n'uma linha superior ao Christo, tiram-lhe toda a vantagem de figura principal, para o que concorre ainda mais o ser a cabeça d'este desenhada sem esmero. Tem doçura, mas é vulgar e incorrecta. Nos mesmos discipulos não se patenteia o movimento de repulsa que os faz despedir as creanças, e ainda menos o assombro que deve manifestar-se nos mais proximos do Mestre, quando veem que este os acolhe com doçura ineffavel, e lhes diz, pondo-lhes as mãos na cabeça: « Deixae estas creanças, e não as affasteis de mim, porque áquelles que se lhes assemelham pertencerá o reino do céo. » Nas physionomias dos individuos do povo e dos proprios discipulos, nota-se até, permitta-se-me o termo, nota-se anachronismo. Se algumas conservam o traço severo do perfil hebraico, ha outras que são cabeças modernas. Vé-se que houve estudo do natural, e que chegou talvez a retratar-se, quando apenas se devia procurar o modelo como auxiliar mais seguro e exacto para os elementos da composição. O colorido é vivo e variado, mas duro, e sem transições: a certa distancia produz o effeito de um quadro por acabar. Ha até pouco conhecimento de perspectiva

aérea nos longes que se divisam por entre as columnas do lado: nem se affastam, nem se alargam, antes se approximam empinados como quasi todos os longes de Alberto Durer. E a impressão geral do quadro é exactamente a de um quadro gothico, a que desejassem dar a expressão brilhante e ao mesmo tempo suave do estylo de Raphael. Dir-se-ha uma tentativa de retrocesso á pintura dos melhores mestres do seculo xv. As tendencias de Overbeck para aquelles artistas preponderaram talvez demasiado no espirito do seu discipulo. Noemtanto, observando-se bem a disposição das roupas e o contraste de tons, parece que Metrass se preocupava mais a este tempo dos modelos da escola florentina, pois só elles o poderiam levar a esta dureza e energia de toque. Todavia, é preciso confessar, que apesar de ser um trabalho, que é apenas a iniciação dos seus verdadeiros estudos, e que por isso me demoro a analysal-o, apresenta já os principaes dotes que depois tornaram tão distincto o seu pincel: tem elevação; é de um desenho facil e gracioso; as attitudes são naturaes e bem combinadas; vislumbra n'elle o ideal do sentimento evangelico; e sobretudo inculca já estylo, o que é muito para o mancebo que havia apenas mezes que recebia lições de um grande mestre.

Mettrass não se contentou em estudar e ver o que havia de precioso nas salas do Vaticano e nas paredes da capella Sixtina. Metrass saiu de Roma, e correu uma parte da Italia. Visitou Bolonha, a cidade dos grandes pintores; Florença, a cidade banhada pela corrente limpida e azul do Arno, que a magnifica ponte de Miguel Angelo atravessa, e em cujas aguas se espelham o palacio Strozzi, a columnata severa dos *Offici* e outros muitos palacios e zimborios que recortam aquelles formosos horisontes brilhantes de luz. Piza, com a sua celebre *Campanile*, com a sua *Torre-torta*, o Baptisterio, o Campo Santo, este recinto de onde se ergue, serena e pura, como o pensamento da immortalidade christã, a poesia melancholica e contemplativa dos seus cemiterios, tudo isto o nosso artista viu, contemplou e admirou. Veneza, a patria de Ticiano, de Paulo Varonez e Piombo, não podia esquecer ao talento que já procurava a formosura e suavidade do colorido que depois soube reproduzir no quadro do *Juizo de Salomão*. E em todas estas cidades fez estudos, e de todas trouxe esbocetos que lhe serviram de muito depois.

Estas viagens e estes estudos duraram perto de tres annos. No fim d'este tempo voltou a Portugal, vindo por França e demorando-se em Pariz alguns dias, poucos, mas os sufficientes para conhecer que a sua educação artistica ficaria incompleta se não

estudasse no Louvre e no Luxemburgo o que o genio francez havia ajuntado de verdadeiro e humano ás tradições dos primeiros mestres da Italia.

Chegado a Lisboa, Metrass fez uma exposição de todos os seus trabalhos n'algumas salas da casa que occupava no palacio dos condes de Lumiar, a S. Roque. Mas o gosto das exposições de quadros ainda a este tempo estava pouco diffundido, e ainda menos conhecida a sua utilidade, tanto para os artistas como incentivo e ao mesmo tempo mercado, bem como para os proprios visitadores, como meio facil e comprehensivo de adquirir conhecimentos praticos, que sem as exposições lhes seriam estranhos.

O joven pintor passou como ignorado. Um ou outro amigo ou amador foi ver as suas obras e animal-o, mas não era isto compensação dos seus esforços. Esteve a ponto de desanimar.

Foi por esta época que os seus quadros appareceram na exposição philantropica da Sala do Risco; constavam do retrato do artista, a que já me referi, e que tão estranhas e aprehensíveis impressões me causou; do quadro de *Jesus acolhendo as creanças*; de uma *Familia Sagrada*, que não sei onde existe, e que segundo a lembrança que guardo d'ella, era pintada pelo mesmo estylo do *Jesus acolhendo as creanças*, e diversos esbocetos. Esta nova exposição não lhe trouxe mais fortuna: levou o seu nome ao catalogo dos objectos expostos, e fel-o mais conhecido; mas as suas obras continuaram a não ter compradores.

Foi então que o orgulho o levou a um acto de morgado perulário: chamou um corrector de leilões e vendeu tudo ao desbarato. Felizmente ainda escapou d'esta *razzia* o quadro de *Jesus acolhendo as creanças*, que actualmente se conserva na sala de seu pae, junto com outros trabalhos posteriores e que formam como o muséu de familia, caro de recordação e thesouro de valor artistico.

Depois d'isto, Metrass estabeleceu-se no Caes do Sodré, e poz-se a tirar retratos!... Era a mais cruel ironia que podia fazer ás suas bellas disposições. O mancebo que se dispunha para reproduzir os episodios mais grandiosos da historia, vér-se reduzido a pôr a arte á mercê do primeiro presumpçoso que quizesse retratar-se! A lembrança de Ticiano e Wandick consolou-o de certo n'estas angustias de amor-proprio. Mas Ticiano e Wandick haviam retratado reis e principes, e Metrass tinha de injuriar os pinceis, expondo-os ao vilipendio de copiarem talvez por ahi a cara alvar do primeiro caixeiro endinheirado que lhe apparecesse, receioso de que a posteridade ficasse desherdada do valioso deposito da sua effigie.

Comtudo, Metrass possuia alguns bens de sua familia, e graças a esta posição especial viu-se dispensado, pelo menos, de prostituir o seu talento em trabalhos vulgares e de mero industrialismo, recurso sempre esteril e nocivo para as faculdades productivas do artista. Nem o seu talento, de uma delicadeza quasi virginal, poderia florescer, quando não fosse á sombra de estudos de predilecção. Diz um orientalista, que o genio do artista e do poeta é como um licor precioso da Arabia, que fóra da redóma de ouro, onde unicamente se conserva, azéda; e a ninguem melhor do que a Metrass cabia de certo esta comparação, porque se o seu tracto era gentil e melindroso, não menos delicado e fidalgo era o seu genio de pintor. E este apuro, e esta delicadeza do homem percebe-se, reluz nos proprios traços do pincel do artista. Contam que Lebrun pintava diante de Luiz XIV de bofes de renda de Flandres e espadim á cinta, á maneira de Racine que vestia casaca de seda para compor as suas tragedias e até não dispensava ao lado, sobre o marchetado bofete de ébano, a caixa de ouro, dadiva do grande rei. Metrass pertencia a esta estyrpe de organizações superfinas e perfumadas. Nos seus quadros entrevé-se o elegante habituado a entrar em salas, e familiar com as etiquetas aristocraticas da primeira sociedade. Conhece-se logo que a mão que os pintou calçava luva branca, tal é a *finura* do seu toque. Ora um homem d'estes não podia conservar porta aberta de retratista, senão como um despeito do orgulho offendido. E assim foi, porque por estes mesmos tempos, os seus estudos não foram descurados, como se prova por duas excellentes cabeças, uma de um peregrino, outra de um ermitão, e ambas de bello effeito, pois reúnem as linhas grandiosas do estylo raphaelesco, á expressão de fundo sentimento ascetico da alma entregue ás contemplações da vida solitaria do deserto.

Ha um quadro d'esta mesma época, que resume já de uma maneira mais completa todos os esforços de applicação que elle teve na Italia. É o retrato de um sobrinho, galante e singela creança de sete annos, que o artista reclina n'um sophá a brincar com um cão, tendo a um dos lados uma jarra de flores, e do outro varios brincos infantis dispersos pelo chão. Nada mais simples e natural que esta composição, e ao mesmo tempo nada mais poetico, d'aquella poesia simples e serena, como ella desabro-xava do seu espirito. A cabeça do menino é das mais engenuas e attrativas que tenho visto. Parece que aquella carnação alva, suave e assetinada, como a frescura dos primeiros annos, não é outra coisa senão o véu transparente da alma candida que a

anima. A tinta de todo o quadro é harmoniosa, e todos os accessorios, flores, veludos e ornatos, são pintados com o esmero de pincel e a variedade e brilho de palheta já praticos n'este genero de objectos.

O verdadeiro aproveitamento e resultado da sua viagem deve contar-se d'este quadro. Já estão resumidas n'elle as qualidades do pintor, que havia de illustrar-se pela elegancia e facilidade do desenho, e suavidade e harmonia do colorido.

Porém, Metrass não queria cifrar n'isto os seus esforços, e conhecia que ainda lhe faltava muito para concluir os estudos que pediam as suas aspirações. O que tinha visto em Pariz, apesar de tão ao de leve, não lhe esquecera, e isto obrigou-o a tentar nova viagem. Partiu emfim para Pariz, e o seu culto de artista voltou-se todo para Wandick, Rembranth e Rubens. Não me parece que estes fossem os mestres cujo estylo conviesse mais ás suas propensões e temperamento. Noemtanto, o vigor e saber profundo d'estes chefes das escolas florentina e flamenga deram-lhe um certo impulso que não deixou de ser util ao seu ideal. Tomou talvez mais virilidade; e o vivo sentimento dramatico que anima alguns dos seus quadros, como o *Juizo de Salomão*, *Dona Ignez*, e *Camões lendo os Luziadas*, difficilmente se revelaria se não fossem as recordações da força de sentimento dos traços energicos e palpitantes d'aquelles genios. É verdade que a observação das melhores producções da escola moderna franceza concorreu de certo para lhe accender a imaginação e desenvolver a disposição, até então ainda indefinida, da adopção do elemento moderno. Em França esta escola, inaugurada por Gros, estava já a este tempo no periodo sereno da sua dominação. As resistencias dos proselytos do antigo, e as provocações exageradas dos appellidados romanticos, tinham acabado. De uma e outra escola se aproveitava o bom. De uma, a simplicidade antiga das fórmas, e da outra, o sentimento vivo da natureza, tinham levado a um ecclalismo esclarecido. *O nascimento de Henrique IV*, de Eugenio Deveria; as mulheres de Souli despenhadas do cume de um rochedo, de Ary Scheffer; o Mazzepa, a infortunada victima do despotismo despedaçando-se ligada ao dorso de um cavallo indomito, de Luiz Boulanger; a *Barca do Dante*, de Eugenio Delacroix; a *Patrulha turca* atravessando as ruas de Smyrna, de Decamps; n'uma palavra estes e outros muitos episodios suggeridos pelo sentimento da vida moderna, tinham respondido ao movimento analogo operado na litteratura. Os pintores e os estatuarios já não procuravam só os baixo-relévos de Eugina, ou os métopes do Parthenon. No estudo dos primo-

res da antiguidade e dos grandes mestres da época dos Medices, seus imitadores, abrangiam também a observação da natureza, do verdadeiro, da actualidade. As inspirações de Shakespeare, de Goethe, e Byron, a que depois se reuniram os nomes de Châteaubriand, de Victor Hugo, de Lamartine, de Manzoni, do visconde de Almeida-Garrett e do duque de Ribas, como outras tantas consagrações do sentimento das tradições nacionaes e da poesia espiritualista e religiosa, também haviam estendido o seu influxo sobre a tella e sobre o marmore. Artistas e escriptores caminhavam identificados, irradiando-lhes da fronte aspirações accesas no mesmo intuito.

Um culto, até certo ponto desculpavel, pela antiguidade, tinha convertido a broxa em cinzel na mão dos artistas do começo d'este seculo, e os quadros eram, se póde dizer, apenas baixo-relêvos pallidamente coloridos. David tornára-se o pintor estatuario por excellencia, porque as *poses* das suas figuras, traduzindo a dureza das linhas esculpturaes, apparentavam comtudo nas formas a frieza do marmore: a attitude era theatral, era hyperbolica, sem todavia lhes respirar a vida nos olhos e nos labios. As leis da pintura estavam invertidas, pois se esquecêra o homem pela estatua. Delacroix saltou por cima d'este cyclo grego-romano, onde Ingres e a estirpe illustre de que elle descende se tinham encerrado com obstinação mais do que archaica. O impulso dado por Eugenio Delacroix, correlativo ao do auctor das *Orientaes* nos dominios litterarios, como o impulso reaccionario de Giotto havia sido correlativo ao de Dante, achou seguidores e codificou as suas aspirações em doutrina. Os quadros que depois appareceram em todas as exposições, mostraram a victoria dos novos principios. Em Portugal já Sequeira havia preludiado com o vigor do seu pincel rembrandtesco esta anciedade de restauração. O seu *Juizo final*, e a sua *Ascenção*, são duas inspirações que parecem terem chamejado do cerebro do poeta da *Divina Comedia*. Nunca o sentimento romantico, depois dos rasgos assombrosos de Miguel Angelo, haviam despregado tão imprevisto e phantastico vôo. As transparencias vaporosas do colorido, contrastadas pelos tons fortes e accentuados dos primeiros planos, e isto inundados por ondas de luz que, como uma auréola evangelica se diffunde pela superficie dos quadros, dão áquellas concepções arrojadas o aspecto da poesia tremenda e prophetica do bardo florentino.

Depois de Sequeira foi unicamente Taborda que se mostrou proselyto d'esta mesma escola, pela escolha do assumpto e vigor de toque na sua *Acclamação de D. João IV, na Ajuda*. O sr. Fon-

seca ainda aventurou uma tentativa com a *Morte de Affonso de Albuquerque*, mas essa tentativa foi como receiosa. A esse tempo, o illustre professor da Academia estudava e copiava em Roma as melhores producções de Raphael, e difficilmente deixaria essa ordem de themes, já consagrada pela admiração universal, e tão de accôrdo com as tendencias da sua veia colorista, para se agregar de coração á phalange então ainda entre nós aventureira e arriscada.

Em Metrass porém não se deram as mesmas circumstancias, porque Metrass, pela idade, pelo ambiente que respirou logo no desabrochar das primeiras inspirações, era filho legitimo dos principios novos. Se pelas tradições de seus primeiros mestres, o sr. Fonseca e Overbeck, pertencia aos pintores classicos, pelo sentimento vivo que o attrahia para fóra d'esse circulo de assumptos convencionaes, não podia deixar de extasiar-me diante das obras dos modernos pintores francezes. O seu quadro de *Camões na gruta de Macáu* é o resultado d'esta elaboração por que passaram as faculdades do artista. E nem este quadro podia ser concebido e realisado senão em Paris, por que só Paris lhe podia proporcionar os modelos de expressão moral e ao mesmo tempo o respeito por tudo que ha de bello na antiguidade, o que é indispensavel reunir para a composição de um quadro como o do Camões. A isto deve juntar-se uma grande facilidade de estudo do natural, que Metrass aproveitou conseguindo até modelo-vivo para o seu Jàu.

O artista voltou então a Portugal, que foi em 1853, e expoz o novo quadro. Todos, amigos, condiscipulos, a imprensa periodica e a voz publica, saudaram o incontestavel talento do pintor. Confesso que tenho ainda ufanía de ter sido o primeiro que proclamei o mérito do seu bello trabalho, e o alcance que este trabalho indicava já no futuro do joven pintor.

(Continúa)

JOSÉ MARIA D'ANDRADE FERREIRA.

O REGRESSO Á ALDEIA

I

É preciso vêr Lessa da Palmeira ao cair da tarde, quando o sol beija saudoso a costa, depois de se despedir do rio, e as mulheres dos pescadores, concertando as redes na praia, entoam as canções da noite!

Toda a gente vos dirá, que é no tempo dos banhos, quando uma grande parte da sociedade do Porto para ali vae habitar, e consegue dar á villa o bulicio, a vida, a elegancia, toda a gente vos dirá, que é n'esse tempo que deveis vêr Lessa. — Eu, não!

Nem o meu conto ia entender-se com a sua acção simples e vaga, se eu não vos dissesse já, que tudo isto que vae ler-se se passou nos fins de junho, mez em que a sociedade já não dança nas cidades, mas em que a natureza é a elegante!...

Não é uma coisa facil, por fim de tudo, descrever Lessa em toda a sua feição melancolica e maritima. Não se sabe bem ao vêl-a, se é uma rica villa, se uma pobre aldeia.

Por entre choupanas humildes, erguem-se predios esplendidos. Dir-se-hia o sorriso do luxo a insultar as lagrimas da miseria, se a melhor poesia d'este logarejo não consistisse exactamente n'este singular contraste, cuja explicação fórma o seu louvor.

Eis o segredo:

Lessa é uma terra de pescadores: cada um dos barqueiros da costa tem ali a sua cabana, onde procura no seio da familia o esqueci-

mento das luctas do mar, e a serena alegria do amor domestico. Às vezes, estes pescadores, cançados dos perigos, ou levados pela ambição, embarcam como marinheiros a bordo de algum brigue, e vão ao Brazil procurar fortuna. Mas, antes de partirem, cada um d'elles, ajoelhando diante da capella do Senhor dos Afflictos, que fica situada na praia olhando sempre o mar, dirige a Deus a promessa, de no caso de voltar rico das terras, para onde parte pobre, edificar um opulento predio no sitio em que deixa a sua cabana.

A crença popular conserva e augmenta de dia em dia a fé consagrada a esta capellinha, que as ondas banham, quando o mar vae alto. Foi junto d'ella que se encontrou o braço do Senhor de Mattosinhos. Porque se lhe chama Senhor de Mattosinhos, é o que eu ignoro: a chronica, que não é pequena aliás, e fôrma um grande volume de quatrocentas paginas *in quarto*, de que o unico exemplar que resta se mostra por curiosidade a quem visita a igreja, denomina-o Bom Jesus de Bouças.

Como é a historia do braço do Bom Jesus de Bouças, ou Senhor de Mattosinhos, ou mesmo Senhor dos Afflictos, como se vê da «Historia» que ao principio lhe chamavam? Oh! Uma simples tradição, uma lenda toda infantil; meia graciosa, meia ingenua, galante quasi; nem muito séria, nem irrisoria; levemente phantastica; coisa entretida de ouvir, que não dá, nem tira ás coisas d'este mundo, e que, em todo o caso, quem não quizer estar sério pôde dispensar-se de ler.

O Senhor de Bouças perdera um braço. Elle estava na sua igreja bem agasalhado, bem servido, bem festejado, mas, pobre Bom Jesus, faltava-lhe o seu braço; um dos seus braços: se era o direito ou o esquerdo, é que eu fiz mal em não indagar, mas a verdade fiel é, que os meus apontamentos nada me dizem sobre isso.

Tinha a gente dos arredores magoa vehemente de que tão bom Senhor assim se visse privado da satisfação de ser completo. As velhas do sitio, e se ha sitio em que tenha havido velhas é Lessa da Palmeira! resavam em cada noite orações expressas, para que um milagre do mesmo Senhor lhe deparasse o braço que perdera.

—Vejam! Vejam! exclamava a velha Brasia, a quem por ali chamavam a coruja do pinhal. Vejam o que é o poder divino, que tem mais á mão o braço de cada um do que o seu proprio! Perdera eu o meu, e veriam se o Bom Jesus de Bouças m'o tornava logo a pôr, ou não!

—O Bom Jesus de Bouças não perdeu o seu braço, redarguia a velha Paula, conhecida ali pela *nortada*: foram os phariseus que lh'o tiraram, para o deitar ao rio!

—Se elle estivesse no rio, via-se!

—O rio levou-o para o mar!

—Se estivesse no mar, havia calma!

—Que te Deus livre! Elle tem na mão a tormenta!

Um furacão rompia; a vaga espumava na costa; as gaivotas adejavam, e fugiam.

—T'arrenego! T'arrenego! Ai os malditos dos phariseus! Não ouves o vento? Não ouves o mar? É a vingança! É o castigo! É a morte! O braço do Senhor de Bouças revolve as ondas!...

Muito tempo decorreu d'esta fórma, entre terrores e sustos. O braço do Senhor de Bouças era a preocupação da gente devota de Lessa da Palmeira. Onde estaria elle? Que seria feito d'elle? Havel-o-hiam roubado, escondido, aniquilado? Singular destino!

Uma occasião, um padeiro do sitio despediu um dos moços, por lhe faltar ao respeito. A contenda nascera simplesmente de que o rapaz se lhe queixava de estar endemoninhado o forno.

—Ó rapaz excommungado! gritava o padeiro, fullo de cólera. Endemoninhado o meu forno, o meu forno, que faz o melhor pão de Deus, que ha por estes sitios, a cem legoas em redor!

—Endemoninhado! E digo! E repito! Todo eu me sinto queimado pelas labaredas do maldito, que repelle um tronco de lenha que se lhe deita.

—Repelle agora um tronco! Já se viu alarve assim!

—Tão certo seja que Deus me alumie em quanto eu quizer viver!...

Despedido o moço, outro o substituiu. Ao terceiro dia porém, o pobre rapaz estava tambem queimado e despediu-se, cheio de terror pelo forno maldito!

—Ó praga de moleiros! exclamava o padeiro, na maior consternação. Que descredito! Que abandono imminente para a minha fabrica! Vejam se é possível, como estes marotos inculcam, que o forno ou se repellir a lenha que se lhe deita! Eu proprio, voto a Christo, vou mostrar aos vizinhos, para que me sirvam de testemunhas, o embuste d'estes dragões, que querem desacreditar-me! Acerquem-se os meus moços! Chegue-se a minha familia! Reclamo a visinhança! Peço o concurso dos imparciaes! Eia! rapazes! (a uns barqueiros que iam passando). Venham cá tambem, se tem amor á verdade! Entre na minha casa a gente de boa lingua! Ao forno!... Ao forno!...

E o padeiro, cercado de uma multidão immensa, caminhou resolutamente ao forno, e lhe atirou pela terceira vez o tronco, que, no dizer dos moços, já o forno duas vezes repellira. Então o assombro foi geral, e a vozearia dos circunstantes subiu aos ares em gritos de medo; por entre a lenha que o fogo acceitava, as chammas repelliram o tronco que veio bater sobre a multidão! O povo fugiu horrorizado, e o padeiro caído de cama, tão doente ficou de susto. O juiz do povo e o cura da parochia visitaram n'esse mesmo dia o estabelecimento, que, parecendo mal agourado, tinha de ser o logar glorioso de onde saísse o primeiro grito

do mais festivo jubilo de Lessa da Palmeira: o parcho reconheceu com ineffavel alegria, que o troco, que o fogo regeitava, era o braço do Bom Jesus de Bouças!...

Convocada uma romaria, foram os devotos á egreja de Mattosinhos, entregar ao Senhor o seu recém-achado braço, e como elle lhe ajustasse á *propria*, offeroceram-se-lhe muitos grilhões de ouro, muitos corações de ouro, muitas argolas de filagrana, tudo ao som de foguetes, de vivas, de orações, e de soluços das beatas, promettendo-se logo edificar uma capella no sitio do abençoado forno, e celebrar todos os annos a gloriosa e productiva romaria do Senhor de Mattosinhos, Senhor de Bouças, Senhor dos Afflictos, ou Senhor do Braço como lhe chamava a gente rustica dos arredores.

Hoje ainda, ainda e sempre! a crença popular conserva na veneração mais sincera o culto pela tradição. Os pescadores de Lessa, nas tormentosas noites do inverno, quando o mar açouta a costa, o vento geme nas ondas, e a catraia perde o leme, não teem senão uma prece e um voto para elevar a Deus.

— Piedade, Senhor! Pelo vosso bemdito braço!...

II

Dizia-se em Lessa que a mãe do pescador Raymão tinha quarenta annos. Por mais que ella e a sua certidão de idade porfiassem em attestar cincoenta e dois, não havia, quem lhes desse credito. O povo tinha razão talvez; a verdadeira idade de uma mulher é, a que ella parece ter; quem não prefere uma de quarenta annos, que pareça de trinta, a uma de trinta que pareça ter quarenta?

Era branca de neve, e parecia ter sido extremamente formosa; as leves rugas, que se lhe divisavam na fronte, tinham o ar de se encontrarem em direcções combinadas, e davam-lhe um aspecto grave e melancolico; chamava-lhe ella dadivas da experiencias. Os seus olhos, com quanto não tivessem já o brilho phantastico, que passa com a mocidade, guardavam ainda luz bastante para que uma vista sua penetrasse a alma e decifrasse sem custo os mais guardados segredos. Tinha o nariz pronunciadamente aquilino, e, apesar da idade, conservava todos os dentes alvos e brilhantes. Desenhava-se-lhe pelo rosto uma expressão continuamente prescrutadora, severa, e, por vezes, de uma ironia que gelava a alma.

Anna, se chamava. Tratavam-a em Lessa pela senhora Anna. Estava viuva havia nove annos, e desde a morte de seu marido, que era um dos pescadores mais remediados do sitio, ninguem teve que ralhar d'ella, e com quanto se enfeitassem muitos para a tentarem a segun-

das nupcias, nenhum conseguiu obter o mais leve olhar de promessa.

Tinha dois filhos. A um d'elles, na intenção de o fazer seguir estudos, chegou a mandal-o a um collegio do Porto: um dia porém, foram tambem precisos á casa aquelles dois braços, e o pequeno, trocando a aula pelo mar, fez-se barqueiro aos dez annos.

Todo o periodo da sua mocidade foi triste como a noite. Elle nem sequer andava na catraia de seu irmão, e teve de sujeitar-se, por alcançar mais lucros, a fazer parte da companhia d'outro barco da costa. Quando alguma vez, por estar muito rijo o vento, e o mar em vagalhões, não podiam sair á pesca, o pobre rapaz passava a tarde na praia, ajudando a concertar as redes, e deixando insensivelmente correr-lhe o pranto pelas faces.

— Que diabo tens tu, rapaz? perguntavam-lhe os companheiros.

— Tristezas a que sou dado! respondia elle sorrindo e disfarçando. Isto é do sitio!

Os barqueiros espalhavam a vista em redor, e pareciam dar-lhe razão. A natureza ali é tudo; natureza agreste, ainda que cheia de encantos em todo o seu tom de melancolia, de saudade, e de fé. Rio, arvores, e mar! Está-se bem ali, mas sente-se a necessidade de chorar! Á medida que se alarga a vista por aquelle horisonte da côr da esperança, porque não sente esperança a nossa alma? Mil idéas factaes nos lembram! Chega a parecer-nos felicidade o morrer moço, e diz a gente a si proprio, olhando para o pharol e para as ondas: Quantos irão no comboio da tarde, levando pena de não haverem ido no da manhã?!...

Todos do sitio estimavam Roberto. O patrão da catraia, que tinha uma filha linda como os amores, havia dito um dia á mãe do mancebo:

-- Esta ha de ser para o seu Roberto!

A mãe sorriu-se: o rapaz fez-se corado.

— E então eu, fico ao signal? perguntou Raymão rindo.

— Tens razão, meu rapaz. Esquecia-me de ti. Pois digo-te que ha de tudo ser regulado por outro vento. Ella é que ha de escolher a seu tempo, aquelle de vocês que lhe quadrar mais ao geito!

A creança pendurou-se a um braço de Roberto, e exclamou n'um tom caloroso:

Este!...

Foi puramente uma galanteria. Ficou por muito tempo na memoria do povo esta graça infantil. Um dia, porém, houve quem visse Roberto ir ajoelhar-se diante da capella do Senhor dos Afflictos: elle tinha treze annos então: a prece que dirigiu a Deus foi a prometter um palacio edificado no logar da sua cabana, se tivesse vida e fortuna para voltar rico. Creança ajoelhou e ergueu-se homem; estava marinheiro.

Já n'essa noite não appareceu em casa, e quando na manhã seguinte se espalhou a noticia, de que elle partira a bordo de um brigue para o Brazil, a mãe recordou-se aterrada de que o pequeno lhe humedecera a mão de lagrimas a ultima vez que lh'a beijou!

Quatorze annos se passaram desde este acontecimento: na occasião em que principia o meu conto, voltára Roberto do Brazil, e correra a abraçar sua mãe e seu irmão, áquella humilde choupana de Lessa da Palmeira, que o tinha visto nascer!...

III

Entre os dois irmãos o contraste era completo.

Roberto era um mocetão alto, magro, levemente pallido, de olhos negros e melancolicos, expressão serena e elegante. Raymão parecia ter quarenta annos, não tendo mais que trinta e dois: era baixo, grosso, corado, olhos claros, expressão alegre, e um caracter franco, prazenteiro e rude. Tinha as boas qualidades do primeiro, probidade, si-sudez, bom coração e boa indole, mas faltava-lhe a sua principal qualidade, o seu principal defeito talvez, a ambição; por isso, em quanto Roberto luctou com as difficuldades da vida material, atravessando a miseria para chegar á fortuna, Raymão proseguiu na sua condição obscura, passando os melhores dias da sua mocidade n'uma catraia sobre as ondas.

Raymão estava casado. O patrão do barco havia morrido, e elle desposára a filha, aquella creança que se pendurára ao braço de Roberto a escolhel-o por noivo. Isabel, era o seu nome, tinha a este tempo vinte e tres annos.

Toda a gente de Lessa se recordava de ver um velho de barba grisalha e longos cabellos brancos, que lhe davam um ar de patriarcha, e que levava na frente, sem ella se lhe curvar por isso, as neves de oitenta invernos. Alguma coisa de altivo e digno, uns restos de antigo ar maritimo, attitude de coragem que não se perde nunca, revelavam que esse velho era um pescador tornado mendigo, que ganhava amargamente aquelle triste pão de cada dia, que se pede cada noite ao ceu! A seu lado, como uma Antígona rustica, ia sempre uma rapariga, sua filha, cujo hombro se offerecia á mão do octogenario, apesar d'elle affectar que andava direito e leve. O seu fato, quasi tão velho como elle, tinha o aceio da miseria altiva; nem uma nodoa, nem um buraco! A rapariguita dava uma graça severa ao seu traje mais que simples, que pareceria um molho de farrapos n'outra que não fosse ella. A sua tez pallida, a sua fraqueza, que dissimulava uma vontade energica, o seu ar de reserva, quasi soberbo, de tanta friesa era, pa-

reciam indicar uma dôr profunda que se acceitou, um segredo penoso calado para sempre!

Esse velho, outr'ora patrão n'um barco de pesca, perdera-o no mar. No dia em que Deus o chamou a si, a rapariguita que o acompanhava a pedir esmola, ficou orphã. Raymão viu-a uma vez, ao sol, e achou-a tão formosa que a escolheu para noiva. Era Izabel.

Durante a ausencia de Roberto, a vida d'aquella familia era tranquillissima: de manhã fazia-se o trabalho da casa, e de tarde, um pouco antes do pôr do sol, fã a senhor'Anna e sua nora passeiarem pela praia, até avistar a catraia, quando Raymão andava no mar; ou, se elle partia de noite, ficavam as duas a fazer serão.

Voltou Roberto emfim, e quebrou-se n'aquella cabana o socego habitual, para que o filho ha tanto tempo arredado de sua familia fosse recebido sob o tecto paterno com um apparato ruidoso, que equivalia em Lessa da Palmeira ao festim de Salomão, á rainha do Sabá, ou a o do rei Assuéro, á judia Esther! Roberto chegou a Lessa no começo de uma linda noite de junho, e no dia seguinte foram convidados os pescadores do sitio para um jantar na praia.

Eram para cima de trinta homens do mar, com as suas familias, todos sentados na areia, em roda das vastas cassarolas da caldeirada.

— Sim! Eis-me entre vós! dizia Roberto; eis-me entre vós como outr'ora, irmãos! A fortuna não me tornou altivo, e a maior alegria da minha existencia é tornar a ver a minha terra e poder dizer: A minha familia está aqui! É minha mãe, é meu irmão! sois vós tambem! vós, os pescadores de Lessa! Eis a minha familia, irmãos!

— Esqueces-te fallar de mais alguém, que te é parente! exclamou Raymão indicando Izabel.

— Oh! Perdoa-me, Raymão! A mulher de nosso irmão é nossa irmã, e, depois de minha mãe, sois vós dois a quem eu estimo mais no mundo. Como é a sua graça, mana?

— Izabel! respondeu a rapariga, fazendo-se corada.

— Nome de santa! replicou Roberto em tom de comprimento

— É dos sitios?

— E mais que é, disseram os pescadores.

— Bem pequena a viste! redarguiu Raymão.

— É o que fizeste em ir para o Brazil! exclamou a senhor'Anna, rindo e beijando Roberto. Perdeste Izabel!

— Agora perdeu! disseram os pescadores.

— É que vocês não sabem a historia! O caso passou-se assim: hayerá hoje quinze annos, o pae d'esta rapariga disse-me por esta maneira: «Senhor'Anna, esta minha filha ha de ser para um dos seus rapazes!» e Izabel, que teria n'esse tempo seis annos, agarrou a mão de Roberto e gritou: Ha de ser este!

— Ai que graça!...

— Mas depois com o tempo, — accrescentou Raymão, rindo, — tive artes para a fazer mudar de vento, e preguei com ella, bem mastreada, na capella-mór do Senhor de Mattosinhos, onde o padre me deu para a mão o leme, navegando até hoje com maré a favor!...

É uma coisa imprudente avivar lembranças do passado. Se o passado é o nada, para que evocar phantasmas? O coração deixa-se levar ás vezes de visões, e eu não sei que haja predilecções mais perigosas, do que as que uma sombra inspira. Os olhos de Roberto procuraram os de Izabel, e, ao encontrarem-se, pareceram fugir-se.

— Venha uma cantiga! disseram os pescadores!

— Alguma moda do mar! exclamou Roberto. O Raymão! O Raymão que cante!

— À saude da companhia! disse Raymão, empunhando um dos cangerões de vinho!

— À saude de Roberto! gritaram os pescadores, bebendo. À saude de Roberto!

— E agora, disse a senhor'Anna, abraçando os seus dois filhos, agora canta-nos alguma moda, Raymão!

O pescador desprende a voz:

Trabalhosa é nossa vida

Entregue ás ondas e ao vento;

Podemos ver n'um momento

A cova, o mar nos abrir;

Entre esp'ranças e incertezas,

Sempre á sorte larga a vella,

Não sabemos se procella,

Ou calma nos ha de vir!

— À saude da companhia! disse a senhor'Anna.

— À saude da companhia! disseram todos.

Raymão continuou:

Mas por mais que seja o p'rigo

Tudo esquece o pescador,

Quando á volta em casa entra

E acha n'ella paz e amor!

— À saude da menina Izabel! exclamou Roberto.

— Mana Izabel é que se lhe chama, redarguiu Raymão. Meninas são as creanças, meu rapaz!

— À saude da sr.^a Izabel! gritaram os pescadores.

Raymão proseguiu :

É feliz nossa pobreza ;
 Às vezes traz mal o ouro ;
 Nós temos nosso thesouro
 No mar e na mão de Deus,
 No nosso barco ligeiro
 Que nos leva onde queremos,
 Nas nossas velas e remos
 N'este sol e n'estes ceus !

— À saude de Raymão, gritaram os pescadores.

— À saude dos homens do mar ! disse elle !

— À saude dos homens do mar !

— Venha a ultima copla !

Raymão continuou :

Mas ainda mais na alegria
 Que acha á volta o pescador,
 Na mulher que ha muito o espera,
 Nos filhos, na paz, no amor !...

— Parece tudo isto á minha alma um sonho ! exclamou a mãe. Estares tu em Lessa da Palmeira, rico e feliz ! Meu bom filho !...

Roberto sorriu-se para Izabel.

— Segundo a cantiga de Raymão, ás vezes traz mal o ouro ! disse Roberto.

— É o verso que diz isso, não sou eu. A riqueza, irmão, é a rainha dos reis !...

— Não creias ! A felicidade anda a brincar ao lado de tudo isso !

— Não és tu feliz ?

— Porque o não seria, se estou ao pé de nossa mãe !

— Mas deixaste-a, para seres rico ! respondeu Raymão rudemente.

— Nunca m'o perdoarão ; bem sei. Na terra é uma loucura querer ter muito ; tudo aqui se ha de deixar !...

(*Continúa.*)

JULIO CESAR MACHADO.

Rangendo as folhas seccas denunciam
Que se aproxima a morte: empallidecem,
De susto e de prazer ao mesmo tempo.
Entre as ramos que a brisa doudejante
De espaço a espaço agita, maciamente
Ferte emfim uma voz e vos diz:

Do subito
E mais
Dato-lhe o
Mais
E a —

PARISINA

A. — PEDRO JACOME CORRÊA

MEU CARO AMIGO.

A idéa de emprender a imitação d'este bello romance do auctor do Childe-Harold, devo-a ao meu amigo. A obra teria ficado em meio, se não fossem os desejos, que manifestou em vel-a concluida. É por isto que tomo a liberdade de lh'a offerecer agora que vou dal-a ao publico.

Chamo-lhe imitação, porque me parece mais modesto o titulo posto não seja essa a opinião geral, nem talvez fosse a minha n'outras circumstancias. N'esta porém, creio que mais distante ficaria do original, quanto mais escrupulosamente intentasse aproximar-me d'elle.

Não sei se faço perceber bem a minha idéa: intendo, que interpretar as obras do genio é mais difficil do que imital-as de longe. A traducção deve ser a copia fiel e como copiar os arrosjos do maior poeta que tem tido este seculo? Ainda assim procurei, quanto pude, seguir o pensamento predominante da composição, e conservar alguns toques da cor primitiva do quadro. Não sei se o alcancei. Se n'uma ou n'outra passagem meños infeliz da minha tentativa o leitor sentir aquelle sabor particular que se encontra em todas as composições do grande poeta, dar-me-hei por satisfeito: se, como é mais provavel, nem isso houver conseguido, terei o castigo na indifferença publica. Com o que eu decerto conto é com a benevolencia e amisade do meu bom amigo para desculpar a insignificancia d'esta offerta ao

Seu do coração

Bulhão Pato.

Raymão prosegue:

É feliz nossa pobreza;

As vezes traz mal o ouro;

Nas terras nosso thesouro

No mar o mar não dá;

No céu o céu não dá;

Nas mãos dos ricos dá.

Este

PARISINA

IMITAÇÃO

I

É na hora, em que a voz bella e sentida

Do meigo rouxinol, entré a folhagem

Das balsas escondido, solta ao vento

A saudosa canção do fim do dia:

Hora solemne e grata em que os amantes

Renovam mil protestos de ternura,

De constancia e d'amor; em que o susurro

Da fresca viração vae confundir-se

C'o murmurar da trepida corrente.

De cristallino orvalho burrifadas,

As vecejautes flores da campina

Mais vivo aroma espargem no ambiente.

Accendem-se no ceu milhões de estrellas,

É mais escuro o azul á flor das vagas,

E a verdura do bosque é mais sombria.

Entre as trevas e a luz o firmamento,

Jaz velado por languido crepusculo,

Que rapido se esvae nos frouxos raios

Da lua, despontando no horisonte.

II

Mas não é para ouvir os doces carmes

Do amoroso cantor, que Parisina

Do palacio feudal ao parque desce.

Nem para contemplar a luz brilhante

Das tremulas estrellas, que divaga

Por entre as sombras que difunde a noite.

Se procura um desvio na espessura,

Não é para aspirar o vivo aroma

Das matisadas flores, e se escuta,

Não é de certo para ouvir das aguas

O brando murmurar. Sons mais queridos,

Espera o seu ouvido n'esse instante.

Rangendo as folhas seccas denunciam
 Que se aproxima alguém : empallidece,
 De susto e de prazer ao mesmo tempo.
 D'entre as ramas que a brisa doudejante
 De espaço a espaço agita, mansamente
 Parte emfim uma voz : é voz amiga.
 De subito o rubor lhe volta às faces,
 E mais livre, porém não menos forte
 Bate-lhe o coração no peito agora.
 Mais um momento os unirá — Passado
 É já — Aos pés da bella está o amante !

III

O ceu, a terra, os homens, quanto os cerca,
 Que lhes importa n'esse doce instante ?
 Tudo é nada a seus olhos deslumbrados
 Pelo fogo do amor ; tudo se perde,
 Se confunde, e se esvae n'esse delirio !
 Nos suspiros que vem do fundo d'alma,
 N'esses mesmos respira tal ventura,
 Que, se fosse mais longa, dentro em pouco
 A vida ou a razão succumbiriam !

Oh ! quem sente lavrar dentro do peito
 O fogo da paixão com tanto imperio,
 Não pensa na desgraça, nem se lembra,
 Da curta duração de taes enganos !
 Ai ! quantas vezes despertamos antes
 De saber que não volta o mago sonho ! !

IV

Vão partir, vão deixar com passos lentos
 O encantado logar que presenciára
 O seu transporte em delirante crime.
 Vão partir e apesar dos mil protestos,
 Da esperança que em breve hão de juntar-se,
 Dor profunda no peito lhes comprime
 Agora o coração, como se fosse
 Aquella a derradeira despedida.
 Parisina cravando os olhos languidos
 No firmamento azul, treme sentindo
 Que aquelle ceu não pode perdoar-lhe.
 Elle outra vez a cinge contra o peito ;
 Um suspiro, um adeus, ainda outro beijo,
 É forçoso partir, levando n'alma,

Os amargos, crueis presentimentos,
Que de perto acompanham sempre o crime.

V

Tranquillo no seu leito solitario,
Hugo repousa, e pôde sem receio
Livrementemente soltar o pensamento.
Porém ella descança a fronte pallida
Das fadigas do amor, junto do esposo.
Souhando, em voz sumida solta um nome,
E suppondo estreitar contra seu peito,
Agitado e febril, o terno amante,
Entre os braços comprime esse que dorme
Agora ao lado seu. Subito accorda
A' suave impressão do meigo abraço,
O esposo que se julga idolatrado,
Até nos sonhos da adorada esposa!

VI

Sobre o seu coração com quanto affecto
Reclina aquella fronte encantadora!
Com quanto afam procura ouvir as phrases,
Que de seus labios solta entrecortadas!
Mas que ouviu, Santo Deus! ? N'esse momento,
Azo, o altivo senhor, estremecêra
Como tendo escutado a voz do archanjo!
Oh! deve estremecer, porque a sentença,
A sentença fatal que os seus ouvidos
Acabam de escutar, vae despenhal-o
Para sempre no abysmo da desgraça!
O nome que ella em sonhos profetira,
Que soára tremendo como a vaga,
Quando arremeça aos concavos rochedos
A debil prancha que sustenta o naufrago,
Esse nome qual foi? O nome de Hugo;
Hugo, o filho da pobre e linda Branca,
Que o principe illudiu, e sem piedade
Depois abandonou: Hugo, seu filho,
Fructo innocente de um amor culpado!

VII

Azo arranca o punhal, mas para olhando-a!
Quem podera immolar um ser tão bello!
Oh! ninguem! Apesar do negro crime,

Da nefanda traição faltam-lhe as forças,
Ao contemplal-a assim adormecida.
Nem a acorda sequer, mas por instantes,
No seu rosto encantado fita os olhos.
Se de subito agora despertasse,
A infeliz n'esse olhar sentira a morte!
Pela frente do principe trahido,
Frio corre o suor, e à luz da lampada
Estremecem brilhando as grossas bagas.
E ella dorme! Oh! mal sabe que os seus dias
N'esse instante fatal foram contados!

VIII

Assim que o sol desponta no horisonte,
Azo corre a indagar pelos que o cercam,
E as derradeiras provas apparecem.
As aias da princesa, largo tempo
Coniventes no crime, revelaram
Quanto havia de occulto n'esse drama.
Não tem que duvidar! Azo, escutando,
Sente em ondas subir-lhe o sangue às faces,
Que de profunda cholera se inflammam.

IX.

Na vasta sala do feudal palacio
O orgulhoso senhor da casa d'Este,
Sobre o purpureo throno está sentado;
Nobres, pagens, soldados o circundam,
Os olhos crava nos culpados ambos,
Ambos jovens e bellos. Duros ferros
Tem sujeitos os pulsos do mancebo,
Que fora brutalmente desarmado,
Por mercenarias mãos da nobre espada.
Na presença de um pae é deste modo
Que deve, oh Christo, apresentar-se um filho?!
Porém, Hùgo infeliz, n'esse momento,
Tem de ouvir a sentença incontrastavel,
Dos labios paternaes, prestar ouvidos
À longa narração do seu opprobrio!
E comtudo a expressão do nobre rosto,
A distincta altivez conserva ainda!

X

Pallida, sem alento e silenciosa,
Aguarda Parisina n'esse instante

As palavras fataes. O seu destino
 Quão rapido mudou ! Ha pouco ainda,
 D'aquelles olhos a celeste chamma
 Pelos salões doirados espargia
 A meiga seducção. Se n'esses olhos
 Visse alguém borbulhar uma só lagrima,
 Mil cavalleiros da mais nobre estirpe,
 Arrancando da espada, a vingariam!
 Mas agora, infeliz! quantos a cercam,
 Mal disfarçam no rosto carregado
 A contida expressão do sen desprezo!
 E elle o amante adorado da sua alma,
 Elle, oh Deus! que liberto, por instantes,
 Por instantes que fosse a houvera salvo,
 Jaz preso ao lado seu em duros ferros!
 Jaz ali, mas não vê que aquellas palpebras
 Onde outr'ora fugia a cor suave
 Da terna violeta, convidando
 A mil sequiosos, demorados beijos,
 Se entumecem, velando a vista immovel
 Das pupilas, nas quaes a dôr intensa
 Accumula uma lagrima apoz outra!

XI

Oh! por ella tambem, n'esse momento,
 Derramára o infeliz amargo pranto,
 Se de tantos a vista a não fitasse.
 A dôr que o deverava, parecia
 No mais intimo d'alma adormecida.
 A fronte macilenta e transtornada,
 Conservava-se altiva. Por mais forte,
 Mais acerbo que fosse o seu tormento,
 Não quizera humilhar-se na presença
 D'aquella multidão que o contemplava.
 A companheira bella de infortunio
 Não se atrevia a olhar. Ao recordar-se
 Das horas do passado, do seu crime,
 De vingança de um pae, do seu destino,
 E sobre tudo do destino d'ella,
 Não ousava lançar sobre esse rosto,
 A desvairada vista, receiando
 Que, cedendo ao remorso, revellasse
 Quanto o seu coração fôra culpado.

XII

Azo enfim solta a voz:

«Ha pouco ainda,

N'uma esposa, e n'um filho resumia
Toda a minha ventura n'este mundo.
A aurora dissipou tão bello sonho!
Antes do pôr do sol, nem um nem outro
Me devem pertencer. Quebrem-se embora,
As ligações mais caras da minha'lma!
Hugo! um padre-te espera, e depois d'elle
A justa punição do teu peccado.
Ergue preces ao ceu antes que o lume
Das estrellas se accenda no horisonte:
Talvez te dê perdão. Mas n'este mundo
Não existe logar onde possamos
Nós ambos respirar. Adeus, não quero
Assistir ao teu ultimo momento!
Porém tu, fragil ser, ensanguentada
Terás de vêr tombar essa cabeça.
Vae traidora mulher, sobre a tua alma
Pese o remorso da desgraça d'elle!
Vae-te, adeus, e se podes, contemplando
O exemplo fatal, ter vida ainda,
Gosa d'ella, que livre t'a concedo!»

XIII

Velando a face pallida e sombria,
Onde as veias inchando, palpitavam,
Como se o sangue em ondas refluisse
Do coração á frente, Azo ficára
Callado longo tempo. Hugo, soltando
Profunda, porém firme a voz do peito,
Roga ao pae que o escute alguns momentos.
O principe em silencio lh'o concede:

«Tu bêm sabes que a morte não receio;
Tinto em sangue mil vezes nas batalhas
Me viste ao lado teu, onde mais forte,
Mais travado e mortal, era o combate.
Então deves lembrar-te que esta espada,
Que ha pouco os teus escravos me arrancaram,
Derramára mais sangue do que em breve
Fará correr a mão do teu carrasco.
Deste-me a vida, arrancas-m'a, que importa?
Quite me deixas d'esse dote infame!
Presente, viva tenho na memoria
A injuria com que as faces affrontaste
De minha pobre mãe, e a vil herança,
Que recebi no berço, inda me accende

O semblante de cholera e vergonha.
No tumulto onde agora ella repousa,
Irá juntar-se em breve o meu cadaver.
Transido o peito seu por mil desgostos,
Separada do corpo esta cabeça,
Entre os mortos dirão até que ponto
Foste amante fiel, pae carinhoso.
Ultragei-te, é verdade, mas bem sabes
Que trocamos affronta por affronta,
A mulher a que chamas tua esposa,
Victima ingenua do teu fêro orgulho,
Não te lembras que fôra largo tempo
Destinada a ser minha? — Mas tu, vendo-a,
Contemplando o seu rosto, desejaste-a,
E para emfim provar que não podia
Pertencer-me jámais, ousaste, affeito,
Allegar o teu crime e a minha origem.
Era indigno de ser esposo d'ella!
E por que?! Por que as leis não consentiam
Que eu podesse aspirar ao throno d'Este.
E comtudo, se a mão da Providencia
Me conservasse a vida, dentro em pouco
Podêra conquistar de certo um nome,
Tão nobre como o teu. Tive uma espada,
E sobeja ambição para elevar-me
Com ella aos feitos de sonhada gloria.
Bem sabes que as esporas mais brilhantes,
Nem sempre as traz aquelle que nascêra
Embalado na purpura, e que as minhas,
O corcel que montava, por mil vezes
Ayante arremessaram dos mais nobres,
Mais valentes senhores, quando, — lembras-te?
Carregando eu bradava: *Este e victoria!*
O meu crime conheço, e não procuro
Minorar-o, descança, nem tão pouco
Implorar-te alguns dias de existencia,
Rápidas horas que sem ser contadas
Passarão sobre a pedra do meu tumulto!
Delirio como foi o do passado
Não podia ser longo. A minha origem,
O meu nome não são de mancha isemptos;
Mas comtudo, apesar do teu orgulho,
Regeitar perfilhar-me, n'esta face,
Quaes olhos não verão que sou teu filho?
A minh'alma tambem de ti procede!
De ti, sim, por que tremes? de ti veiu
O indomavel vigor do meu character.

Não foi sómente a vida que me deste,
Porém quanto podia emfim tornar-me
Em tudo igual a ti. Contempla a obra
Do teu culpado amor. Na semilhança,
Semilhança fatal que vês no filho,
Irada te castiga a Providencia!
Esta'lma não é pois a d'um bastardo,
Como a tua não soffre a tyrannia.
O passageiro sopro da existencia
Nunca o preseí em mais do que tu proprio,
Quando juntos na força do combate,
A galope os corceis, a espada em punho,
Por mil vezes nos renques do inimigo
Rompem'o a ferro frio penetramos.
O passado acabou, e dentro em pouco
O futuro com elle irá juntar-se.
Mas oxalá que a mão do Omnipotente
Me houvesse dado a morte em taes instantes!
Era pouco deixar-me orfão no mundo
Do affecto maternal, ousaste ainda
Arrebatat-me a noiva! Mas que importa?
Sou teu filho, conheço-o n'este instante,
E a sentença cruel que proferiste,
Posto venha de ti, não posso agora,
No fundo de minh'alma achal-a injusta!
No peccado nasci, morro na infamia,
Por onde começou termine a vida.
Errando o filho, o pae tambem errára;
N'um castigas os dois. Perante os homens
Eu, quem sabe? serei o mais culpado,
Porém Deus julgará entre nós ambos!»

XIV

Cruzando as mãos ro peito Hugo fizera
Resoar os grilhões, e d'entre os chefes,
Que a sala do palacio povoavam,
Não houve um só, que ouvindo esse ruido
Deixasse de tremer. Depois cravaram
Sobre a fatal beldade a vista a um tempo.
Parisina, infeliz! pallida e fria,
Immovel como estatua de alabastro,
Dissemos que assistira á scena horrivel,
Da perdição do amante. Os olhos fixos,
Scintillantes, abertos, desvairados,
Nem sequer por instante se volveram.
Nem uma vez as palpebras, cerrando-se

O fito olhar velaram; mas em torno
 Das pupillas azues, e resplandentes,
 Sem cessar se alargava o alvo circo!
 Uma lagrima a custo conglobada,
 Lentamente das palpebras saia,
 Tremendo sobre a franja das pestanas:
 Quem o sabe contar! ? n'esse momento,
 Os que a viam pasmavam, não podendo
 Crer que a olhos de humana creatura,
 Fosse dado verter tão grossas lagrimas!
 Quiz falar, mas a voz morreu cortada:
 Comtudo no som cavo que soltára,
 N'esse longo suspiro parecia,
 Que vinha o coração. Passado instantes
 Tentára ainda outra vez, porém debalde!
 Do mais fundo do peito a voz partira
 N'um grito, n'um gemido prolongado,
 E depois como a pedra, como a estatua
 Derrubada da base, como tudo
 O que é de vida exempto, ao chão tombára;
 Digno emblema do tumulo da esposa,
 Do traído senhor da casa d'Este!
 Porém não da mulher que sente n'alma
 O remorso do crime, e n'elle segue
 Pelo ardor dos desejos instigada.
 Do lethargo fatal tornára em breve,
 Mas não para a razão; cada sentido
 Por dôr intensa fôra aniquilado.
 Como das cordas do arco humedecida
 Lassas da chuva, as settas disparadas
 Vão bater ao acaso, assim do cerebro
 As magoadas fibras só soltavam
 Desvairados, e vagos pensamentos.
 O passado, e porvir! Ermo o passado!
 Nas trevas do porvir apenas via
 Um sinistro clarão, de espaço a espaço,
 Semilhante ao do raio quando fende
 As nuvens conglobadas no horisonte,
 E tomba n'um lugar deserto e triste.
 Gelada de terror sentia n'alma
 O peso de um remorso; que existiam
 A vergonha! o peccado! na consciencia,
 Uma voz mal distincta lh'o lembrava;
 Que a morte estava alli pairando livida
 Sobre alguém, n'esse instante o presentia;
 Sobre quem? Esquecera-o. Era a vida
 O sopro que seus labios respiravam?

Era o ceu, era a terra, eram os homens,
 Que tinha ante seus olhos deslumbrados?
 Os homens, ou demonios que a fitavam
 Com sinistra expressão? Eram os mesmos
 Cujos olhos n'outro tempo revelava
 Tam suave, e profunda sympathia?
 Tudo era incerto e vago no seu animo,
 Receios, e esperanças insensatas;
 Agora um meigo riso, logo um pranto,
 E no seu desvaído pensamento,
 Cuidava ser aquelle um sonho horrivel
 No qual o coração se debatia.
 Porém d'elle, oh! debalde procurára
 Acordar a infeliz jámais na vida!

XV

Na torre pardacenta do mosteiro,
 Balançam lentamente agora os sinos,
 E o som profundo e triste dentro d'alma
 Desperta dolorosos sentimentos.
 Por aquelles que á sombra do cypreste,
 Repousam para sempre, ou dentro em pouco
 Terão de repousar, o canto funebre,
 Que ouvis n'este momento se desprende.
 Na terra humida, e fria eil-o de joelhos;
 Ante os olhos o cepo, ao lado um padre!
 Braços nus o carrasco attento espera
 Pelo, instante fatal; certo e forte,
 Deve o golpe cahir. Horrivel quadro!
 Mas com tudo ao redor avidamente,
 A turba silenciosa se reúne,
 Para ver, Santo Deos! no cadafalso
 Por ordem de seu pae morrer um filho!

XVI

É um' hora encantada a que precede
 O derradeiro adeus do sol esplendido!
 Na pompa de seus raios fulgurantes,
 Parece escarnecer da scena horrivel
 Que se aproxima de seu termo agora.
 Curvado aos pés do monge, em voz sumida
 Hugo profere a derradeira prece,
 Prece contricta, humilde, ferverosa.
 N'essa fronte inclinada e pensativa
 Bate um raio de luz, porém mais vivo,

Mais brilhante reflecte sobre a lamina,
 Que, proxima da victima responde
 Por um forte, mas lugubre reflexo.
 Como est'hora suprema é dolorosa!!
 O crime fôra atroz, justo o castigo;
 Mas contudo o supplicio n'esse instante
 Faz gellar de terror os que o contemplam.

XVII

As orações extremas acabaram;
 O filho ao pae traidor, o audaz amante,
 Tudo emfim confessou. Rapidos tocam
 As horas no seu ultimo momento.
 As ondadas madeichas de cabelo
 Já tombaram no chão. O nobre manto
 Bordado pelas mãos de Parisina,
 Não deve acompanha-lo á sepultura.
 Tentam vendar-lhe o rosto, não consente
 Esta final affronta. O seu orgulho,
 Comprimido no mais intimo d'alma
 Pela expressão de fria indifferença,
 Accorda n'esse instante, repellindo
 A mão do algoz que vem cobrir-lhe os olhos,
 — «O meu sangue culpado é teu, pertence-te,
 Preso, algemado estou; co'a vista livre,
 Quero ao menos morrer: «Fere» e dizendo
 No logar do supplicio inclina a fronte.

Ao proferir esta palavra «Fere»
 Brilha o ferro no ar, silvando o golpe
 Cae rapido e fatal, rola a cabeça,
 O corpo palpitante e transtornado,
 Pula envolto no pó, que bebe o sangue
 Sahido em borbotões pelas arterias.

Inda instantes os labios extremecem,
 Nos olhos inda fulge a luz da vida;
 Tudo emfim acabou! Morto sem pompas,
 Como deve morrer o homem culpado
 Que se arrepende no momento extremo,
 Elle o seu coração oppresso e triste
 A Deus sómente consagrou n'ess'hora.

A imagem de seu pae, da propria amante
 O que eram á sua alma atribulada?
 Um sentimento das prixões terrestres
 Não viera turbar n'aquelle instante
 A pura contricção do seu espirito,
 A não ser quando expondo a fronte nua,

Ao cutello do algoz, quiz ver a morte.
Era o unico adeus que proferia,
Às testemunhas do cruel supplicio.

XVIII

A multidão gellada e silenciosa
Mal ousa respirar. Alguns gemidos
Cortados, mas profundos se escutaram ;
Nada mais, a não ser o som solurno
Do cutello batendo sobre o cepo.
Nada mais? houve um som, um grito horrivel,
Estrudilo, selvagem, semelhante,
Ao da mãe, que de um golpe repentino
Vê cahir a seus pés sem vida o filho !
O grito de quem foi, de onde partiu?
De um seio feminil, e mais terriveis
Não os solta jámais o desespero !

XIX

Hugo jaz no sepulchro, e Parisina
Dissera acaso eterno adeus ao mundo,
Refugiando sua alma atribulada
No silencio da cella de um convento?
O veneno, o punhal talvez seriam
O severo castigo do seu crime?
Ou succumbira em fim n'esse momento,
Em que vira brandir o duro ferro
Sobre a adorada frente? compassiva
A mão da Providencia permittiu,
Que ao quebrar-se em seu peito confrangido
De dôr o coração, se terminasse
Tambem com elle a fragil existencia?
Não o soube ninguem. Aquella vida,
Ai! de mim! acabâra n'este mundo
Pela dôr como a vida principia!

BULHÃO PATO,

A PRAÇA DE GAETA

Tu quoque littoribus nostris gencia Nutrix
 Aeternam moricus famam Caieta dedisti,
 Et nunc servat honos,
 Virg. *Aeneid.*

Os primeiros muros da cidade de Gaeta foram levantados, segundo conta a remota tradição, pelos Troyanos. Eneas deu-lhe o nome da sua ama, ali sepultada. Não tardou que augmentasse em riqueza e população, a ponto de ser preciso alargar-lhe o circuito. Protegida pelo seu isolamento, e a força da sua situação, desenvolveu-se livremente debaixo da soberania irrisoria dos imperadores do Oriente. Teve os seus consules eleitos pelo povo, e só perdeu a independencia no XII seculo. Affonso de Aragão levantou ali um castello. Carlos V, reconhecendo tambem a força d'aquella posição, avantajada ainda por um bellissimo porto, seguro e commodo, mandou fortificar a cidade, e levantar reductos, que foram successivamente melhorados. Gaeta foi sempre um ponto estrategico muito importante durante as guerras de que foi theatro aquella região. Successivamente fortificada e augmentada pelos seus diversos senhores, sustentou varios cercos, de que os dois mais importantes, são o de 1734 e 1806. No primeiro defendiam a Praça 1:000 allemães e 500 napolitanos, estes organizados pelo duque de Monteleone, e poucos artilheiros; de modo que os napolitanos tiveram de exercitar-se no manejo dos canhões durante o cerco. Punham o cerco 16:000 hespanhoes, commandados pelo duque de Liria, o qual dispunha tambem de uma esquadra e poderosos meios de ataque. Abriu em breve

tempo a trincheira de sitio, procedeu por caminho coberto, e poudo facilmente abrir brecha com as baterias que alçou. Veiu então o duque de Montemar acelerar a victoria e gosar d'ella, e mais tarde entrou ali o rei Carlos,

Em 1806 Massena principiou o sitio em fevereiro; faltando porém a artilheria de forte calibre e os petrechos necessarios para tal empreza. No fim de maio preparadas as peças, construidas algumas baterias, abriu uma trincheira em Monte-Secco, hoje campo de manobras, e prolongou-a até ás duas margens do isthmo; formou a primeira parallela, e como o sólo era de rocha, desguarnecido de terras ou de plantas, os siliantes foram obrigados a transportar a terra em gabiões desde o bosque de Fondi, que é o mais visinho, posto que a 12 milhas do campo. As trincheiras adiantaram-se, e com o tempo foram levantadas outras obras sobre as duas praias para affastar os navios inimigos e tolher-lhes o desembarque. Differentes vezes as náus inglezas e sicilianas emprehenderam a contenda; mas foram repellidas. Os fortes atiravam de dia e noite, e já n'aquelle tempo se poderam contar em 20 horas 2:000 projectis, que não causavam grande damno. Os siliantes não respondiam, procuravam obrigar a fortaleza. Embuscados nos fossos, dirigiam convenientemente os trabalhos para abrir as brechas. No 1.º de julho começou o transporte da artilheria que faltava. A 6 todas as baterias estavam montadas com 80 canhões de forte calibre e morteiros. A 7 começou o fogo. Dez dias depois, isto é a 17, estava aberta a brecha na cidadella. A 18, emfim, tinham os siliantes entrado por outra no bastião chamado da brécha, designação que recordava a offensa recebida no anterior sitio. Foi por consequencia determinado no dia 19 render a praça aos francezes, e embarcar a guarnição para a Sicilia, jurando não bater-se contra os primeiros durante um anno e um dia. A esquadra compunha-se de 30 canhoneiras, 10 navios de alto bordo, e alguns transportes. Durante o assedio, a praça atirou 100:000 bombas e balas. Do outro lado foram lançadas 40:000. Os burbonicos perderam 900 homens entre mortos e feridos; os francezes 1:100. Entre os primeiros morreu o principe de Philipstalát; dos segundos foram mortos os generaes Vallongue e Grigny,

Estes dois sitios demonstraram a necessidade de robustecer a praça com obras novas, que Fernando II emprehendeu e ultimou. Foi muito augmentado o numero das peças que sobem actualmente a 700. A posição de Gaeta é, como se sabe, a de uma pequena península ligada ao continente por uma lingua de terra da largura de 300 metros, e de comprimento cerca de 500 (A).

Sobre este braço, formando hoje um areal plano, que o mar cobre facilmente, levantava-se antigamente o Monte-Secco. Fernando II mandou-o destruir. Este trabalho durou 30 annos e custou immensos cabedaes. Conseguiu-se porém que o inimigo não possa aproximar as suas parallelas, e abrir facilmente brecha, como aconteceu nos dois cercos de que se fez menção. Hoje poderão difficilmente os sitiantes chegarem-se a 400 da praça, pois ficariam perfeitamente a descoberto e expostos ao fogo da artilheria. A bateria italiana mais visinha da praça é a dos Capuchinhos (B), a qual dista dos muralhas 1,800 metros. D'esta bateria passa-se para o campo piemontez (C) situado detraz do monte de S. Agatha, por um caminho coberto, pelo qual se pôde transitar sem se estar exposto ao fogo do inimigo. As outras baterias piemontezas estão todas indicadas no plano (n.º 3) com letra E, e são, começando pela esquerda, as de Madonna della Catana, Casa Rucci, Casa Lucayna, e Monte Torto. É natural que este numero seja augmentado, se se prolongar o assedio. Todas estas baterias são construidas sobre eminencias e de modo que o fogo do inimigo pouco damno lhe pôde causar.

O terreno, que é plano desde a *fronte de terra* da fortaleza, estendendo-se pelo areal do outr'ora Monte Secco, começa a levantar-se pouco atraz das primeiras casas do Borgo; e principia ali uma linha de muralhas que successivamente se vão tornando mais altas até Monte Christo, a 5:000 metros da fortaleza. A praça é hoje uma das mais fortes da Europa; assenta sobre rochedos que mergulhando verticalmente no mar, a tornam inacessivel dos dois lados (*bb*). As suas baterias são formidaveis. A frente de terra está defendida por 240 peças, e a de mar por mais do 400. As suas principaes baterias da parte de terra são, começando pela esquerda: Malladrone, que tambem defende o mar; Monte Spaccato, ou a da brecha, e a Cappelleti; junto a esta estão as trincheiras, baterias e estacadas, que defendem a porta. Sobre a bateria Philipstalát, a meia altura do Monte Orlando existe a bateria Regina, que é a mais forte de todas as da praça. No cimo d'este monte, ao pé da antiga Torre de Orlando ou *Roland*, está uma outra pequena bateria de peças *raizadas*.

Pela parte de mar a praça é tambem defendida por baterias, que até certo ponto seriam desnecessarias, porque é impossivel tentar ali um desembarque. O lado da praça mais vulneravel é o que deita para a bahia, pois que os montes se vão d'aquelle lado reclinando até formarem uma praia de facil accesso. Por ahi todavia muralhas grossissimas e fortes baterias impedem qualquer tentativa. A cidade, cuja população em tempo normal é de

dez ou doze mil almas, ergue-se sobre as encostas dos montes da parte da bahia como pôde vêr-se no plano n.º 3, e na vista geral de Gaeta. Dos outros tres lados os rochedos levantam-se ermos de casas e quasi de vegetação. O plano n.º 2 mostra o aspecto da costa desde Terracina; dobrando-se a ponta *b* apparece a bahia de Gaeta como está figurada no plano n.º 1. É magnifico o aspecto d'esta enseada, quando se apresenta a sua bella vegetação aos olhos cançados da aridez da costa italiana desde Terracina. À direita e a distancia de algumas leguas avista-se a estrada de Napoles, e as ilhas de Ischia e Procida, e vê-se fumegar o Vesuvio. O Monte Conca, aos pés do qual está construido o molo de Gaeta, conserva-se quasi todo o anno coberto de neve, a qual forma um bello contraste com a verdura dos sitios visinhos. Parece que a natureza se compraz em revestir das suas risonhas galas sitios que o louco furor dos homenz tantas vezes tem convertido em theatro das mais cruentas scenas.

Seria ousadia determinar o tempo que poderá durar o sitio. Mil circumstancias podem modificar este periodo.

AZOUBOLOS.

A Braço de terra — **B** Bateria dos Capuchinhos — **C** Campo Piemontez — **D** Banco de arêa.

a Baterias da Praça — *b* Rochedos a pic — *c* Porta de terra — *d* Porta de mar — *e* Baterias Piemontezas.

FR. FRANCISCO DE MONTE-ALVERNE

Em quanto elle sonha, conversemos nós baixinho, Tullio amigo, 'neste canto da cella, e estudemol-o em si mesmo, se é possível.

Advirtamos em que esse vulto, magestoso como um propheta colossalmente esculpido em basalto por um Thorwaldsen, tão frio, tão insensível, tão immovel aos circumfuzos susurros da terra, nada acceita, nem quer, de toda ella, senão o bom nome; aquelle bom nome de que a celestial e candida pomba nos manda ter cuidado.

Alguna valente rasão, mais respeitavel que uma frivola jactancia, o deve ter movido a cifrar as suas ambições cá em baixo 'numas florinhas amarellas de loiro, que a final tambem se esfolham. Essa rasão, no seu burel se está lendo; em quantas frases lhe ouvimos, ressumbrava; respiram-na os livros que nos rodeiam. Essa rasão, que a ti e a tantos se figurou egoismõ, é a gloria de Deus e o amor da religião; e se alguma coisa se lhe mescla de terrestre, essa coisa, digna de se lhe alliar como a prata ao oiro, como o oiro ao carbunculo, é a paixão pela terra do nascimento.

Sabe elle, bem lh'o escutámos, que o mosteiro, inchame talvez de zangãos 'noutras partes, é para estas regiões desertas colmeia d'abelhas industriosas; por isso lhe zela contra toda a especie de aggressões a veneração, seiba interior e vital da communnidade, zelando a reputação de todos os que a compõe. O mesmo

espírito que o induziu a arrancar denodado um frade debaixo dos pés de um imperador, é o que o força a restituir a si proprio louvores que elle sabe andarem-lhe lá por fóra escurecidos e desbaratados por homens systematicos e injustos, que, só para hostilisarem a instituição, o hostilisam. Não é a fibra da filúcia que lhe dóe, ouvindo que se lhe negam os talentos; muitos annos ha que essa fibra se lhe paralisou; é a do amor da corporação; da corporação, que estremece quando na minima de suas particulas a ameaçam. Quizera-a inviolavel; quizera-a inteirica e de bronze; para isso o vimos impenhado em a reformar e santifical-a; desajudou-o no arrojado commettimento a Providencia, mas não se desobrigou elle de guardar, dia e noite, a vinha do Senhor, e de acudir onde quer que a presentisse accommettida de devastadores. Cumpre o seu dever de sentinella collocada aos umbrães de um sanctuario, que é ao mesmo tempo thesoiro: para o deffender, se deffende; para que lh'o não viollem, se mantem a todo o trance inviollavel.

De mais: elle ama a verdade por si mesma, e em abstracto de todas as considerações individuaes. Dirá com ella, se necessario fór, contra si mesmo, e em favor de inimigos. Adora a justiça; porque a justiça é tambem a verdade; e não entendo, que devendo tributar-a até aos perseguidores, a si mesmo a possa recusar; fora covardia, ingratição, e impiedade, escurecer com o silencio, desconfessar por futeis respeitos, os dons e graças com que a divina bondade se comprouve de o favorecer, e de que lhe não é licito duvidar, visto como tantas vezes em côro lá por fóra, espontaneas e desinteressadas lh'os pregõam.

Tullio amigo! Tullio amigo, não são estas umas distincções argutas, fantasiadas pela minha amisade, agradecida á benevolencia de tão grande homem; outrem, e não eu, outrem, e elle mesmo tambem, vão acabar de te convencer; escuta, e não te pezará; é um notavel escriptor do imperio quem nos falla: ¹

«Corria o anno de 1848. O Dr. Joaquim Pinto Brasil, que «com tanto entusiasmo e distincção dirigia as cadeiras de philosophia, na aula publica, e no Imperial Collegio de Pedro II, «agrupou em redor de si os moços intelligentes que cursavam o «primeiro ramo da sciencia, e creou uma associação litteraria «que foi denominada — *Ensaio Philosophico* —, á qual depois o Ex.^{mo} «Bispo Diocesano concedeu o titulo honroso de — *Episcopal* —.

«Essa associação foi solemnemente inaugurada no dia 10 de «Dezembro de 1848.

¹ Galleria dos Brasileiros Illustres pag. 82.

«Para assistir a essa solemnidade foi convidado o padre-mestre Fr. Francisco de Monte Alverne, que pressuroso veio á primeira festa litteraria de moços que reuniam suas forças no estudo da philosophia do Espirito Humano, por meio da associação, a primeira 'nesse genero que então se creava.

«Não contava o venerando ancião com o que lá o esperava. Acostumado ao retiro e ao esquecimento, maravilhado ficou quando percebeu que o primeiro passo que davam esses moços fracos, só cheios de amor da gloria, era vingar a sua memoria indignamente esquecida, e fazer justiça ao seu merito transcendente e incontestavel. E por isso o proclamavam — o genuino representante da philosophia do Espirito Humano no Brasil, e como signal de seus triumphos pediram ao prelado fluminense que lhe offerecesse uma corôa de loiro.

«Era a primeira vez que Monte Alverne, havia doze annos de duro e quecimento, se via restituído á posteridade honrosa, a que tinna jus por sua intelligencia e por seus serviços. Lagrimas abundantes correram de seus olhos, o prazer ineffavel reanimou suas feições abalidas e maceradas pelo desgosto, sua voz sonora e grave desprendeuse de seus labios quasi frios pela indifferença. Ouviu-se um ligeiro queixume da victima da ingratição, logo depois um agradecimento a quem lhe sabia fazer justiça. Por mais de uma exhortação vehemente convidou os moços que o victoriavam, a trilharem o caminho da gloria, a proseguirem com frente altiva, não obstante a má vontade, o desprezo, e a propria inveja, que por ventura se oppozesse aos seus cursos, porque elle havia tambem encontrado estes obices, mas com pertinacia continuou, não voltou o rosto — cahio allim atenuado, sem luz e sem forças, mas nunca vencido.

«Era na verdade solemne o momento em que orava o venerando Alverne; sua alma era o embate de violentas commoções, e mais de uma lagrima verteram seus ouvintes quando elle exclamou:

«— Estou fraco e abatido.... a posição em que estou é tão extraordinaria para mim, que talvez a não comprehendais!... Se eu soubesse que era arrancado das bordas do meu sepulchro, do seio do meu retiro, para receber das mãos da mocidade uma corôa de loiros, honra civica que premeia meus serviços pisados pela ignorancia, esquecidos pela estupidez, e mal pagos pela mais fria indifferença, ainda assim talvez não tivesse coragem de apresentar-me para recebê-la.

«— Eu sei que ella tem um grande peso, que tem um brilho

«muito acima de meu merecimento, e que meus trabalhos não correspondem a esta aureola que recebo no fim da minha vida!.... Parece-me que sou uma victima enfeitada para a hora do sacrificio! Tanta honra, tanta consideração para um homem occulto no silencio de uma cella, passando da obscuridade á gloria, a velhice coroada pela mocidade, a morte reanimada pela vida.... são phenomenos tão grandes, geram sensações tão poderosas, que não as posso occultar.

«—Doze annos tenho estado em silencio!..... Sabeis que força é preciso para que escapem estas palavras toscas no meio de tanto enthusiasmo, a despeito d'esta gloria que a mocidade acaba de revelar, d'este futuro que se apresenta tão radioso!

«Ainda 'nesse improviso energico e cheio de vida, que parece feito nos primeiros annos de Monte Alverne (prosegue o seu digno historiador) respiram as suas idéas dominantes, o amor de sua patria, e a sua dedicação pela religião do Cordeiro Immaculado.

«—Sempre vi (continúa elle) no character dos Brasileiros essa superioridade de talentos que ninguem lhes contesta, esse futuro grandioso, essa gloria que deveria illustrar o nosso paiz tão espezinhado pelo estrangeiro, que não nos conhece e aprecia, porque talvez não nos possa bem avaliar.

«—O Christianismo que revelou os verdadeiros destinos do genero humano, ennobreceu o coração do homem, elevou sua razão, illustra o seu espirito, e marcha sempre a despeito de todos os revezes á frente da civilisação, porque elle é o seu mais forte elemento, porque elle é o typo nobre e sublime, da grandeza, da gloria e da liberdade do homem—»

«São sempre as idéas dominantes do grande homem—a patria e o Evangelho.»

Reconsidera-o agora, amigo Tullio, encarando-o a esta luz, não te vislumbra já uma virtude, no que se te figurára uma vaidade? Mas é a esta luz precisamente, a esta luz que vem de cima, a esta luz que é a sua, e que banhando os seus quadros artisticos os torna espirituaes, é a esta só luz que a justiça nos ordena consideral-o.

Não é a sua jactancia vangloria, como a de Cicero, quando em pleno senado, em plena Roma, em pleno Orbe, jura perante os deuses que salvou a patria; e á mesma patria dá depois na sua

lyra os parabens de ter sido para ella o seu consulado segundo nascimento: *O fortunatam natam me consule Romam!*

Não é vangloria, como a de Mirabeau; que abdica, por orgulho de egoismo, as nobrezas heriditárias, e á hora do passamento diz ao familiar que lhe está sustentando a fronte alagada do ultimo suor: aguentas ahi a mais valente cabeça de toda a França.

Não são emfim arrojados de aulho-idolatria, censuráveis até quando justos, como tão frequentes escapavam aos Horacios, aos Ovidios, aos Bocages; e escapariam até a muitos que a posteridade não conhece.

É, pelo contrario, para o homem humilde, crente, religioso, desquitado do mundo, um sacrificio meritorio: queime-se embora; com tanto que a sua fragrancia suba aos Céus a glorificar-os.

Mas se é por aquellas palavras do seu discurso preliminar que m'o accusam, seja o mesmo discurso preliminar quem por outras palavras suas, não menos expressas, e mais terminantes, nol'o deffenda.

«Serei bem feliz—diz elle—se por ventura, os que lerem as
«minhas obras oratorias, só tiverem de perdoar-me algumas im-
«perfeições. Se eu só houvesse consultado a minha consciencia,
«teria entregado ás chammas todos os meus discursos; foi mis-
«ter porém ceder menos á minha vangloria do que a uma ne-
«cessidade de ferro, que me arrojou aos perigos d'uma publica-
«ção. Os que conhecem as criticas acerbas de Aristarco, e Zoilo
«contra Homero; os que tem lido as censuras feitas ás orações
«funebres de Bossuet, e as imputações de plagiato dirigidas con-
«tra Flechier; deviam perder o desejo de publicar discursos me-
«diocres, e tão defeituosos, quaes os que determinei imprimir.

«Ha porém uma circumstancia, que não deve passar sem obser-
«vação. Eu não quero deixar a outros uma censura, que forcejo
«por attenuar. Ha em quasi todos os meus discursos uma idéa,
«que parece dominante: ha como um pensamento unico, de que
«dimanam todos os outros pensamentos: esta idéa geral, este
«pensamento commum, é a Religião. Entretanto apesar de sua
«riqueza e sublimidade, esta nobre concepção, muitas vezes re-
«produzida, como que imprime nos meus discursos uma certa
«uniformidade de pensamentos; e talvez os prive d'aquella va-
«riedade, que revela ao mesmo tempo o talento da invenção e a fe-
«cundidade intellectual de um author. Seja porém qual fór o re-
«paro, que me caiba, qualquer que seja a inflexibilidade, com
«que deva ser julgado; é incontestavel que todos esses feitos glo-
«riosos, que illustraram os homens da nova civilisação; todos es-

«tes milagres de heroicidade, que honraram a especie humana,
 «e lançaram na arena dos combates todos os sexos, todas as ida-
 «des, e todas as condições da vida; recebêram da Religião sua
 «existencia, seu lustre, seu apreço, e sua mais alta consideração.
 «Todos os grandes problemas sociaes encontram na sua influen-
 «cia a mais facil solução; e todos esses cantores da gloria, que

agitados de impeto divino,
 Acessos turbilhões na voz desatam,

recebêram em seu archote magestoso o fogo do enthusiasmo,
 de que foram abrasados; e beberam 'nesta fonte sagrada, e
 inextinguivel, inspirações, idéas, commoções, e sentimentos.
 Ahi estão Pope, e Milton; Klopstock, e Schiller; Tasso, e o
 Dante; Chateaubriand, e Bossuet. O Christianismo proclama
 triumphante, que só J. Christo é o caminho, a verdade, e a
 vida; que sem Elle é impossivel apprehender alguma coisa
 nobre, grande, heroica. Louvando pois os grandes homens da
 Religião, celebrando as virtudes dos seus heroes, era só na Re-
 ligião, que eu podia procurar, e que devia mesmo encontrar
 a verdadeira origem de sua gloria, e os titulos, que lhes deviam
 assegurar nossos cullos, e nossas homenagens: a Religião não
 devia pois ser esquecida. Ou fosse uma homenagem dada á ver-
 dade, ou um effeito das minhas leituras, e o resultado das mi-
 nhas convicções; ou fosse o predominio do meu profundo res-
 peito, e da mais alta admiração para o augusto Fundador do
 Christianismo; era impossivel não ter constantemente em vista
 a magnificencia da esposa eterna, de quem eu recebia todas as
 minhas inspirações. Assim podia eu dizer com o Phropheta Rei:
 —Todas as minhas producções litterarias sejam abafadas no es-
 quecimento, se eu não me recordar de ti, ó Religião, quando
 me propozer alguma composição oratoria. O brilho, que me
 cerca seja eclipsado; os loiros, que cingem minha testa, cáiam
 murchos, e desfolhados, se por ventura eu procurar fóra de ti
 a reputação, que me tocar em partilha.»

Com estas palavras, as ultimas do discurso preliminar se con-
 firma authentica e solemnemente a apologia que promettêramos,
 e lhe deviamos.

Se depois d'isto alguém, que já não será o nosso Tullio, pre-
 sistir em o accusar; se o arguirem de contradictorio, quando se
 nos retrata, elle proprio, 'numa parte, colossal, 'noutra, mycro-
 scopico; chãmente responderemos: que assim é; mas que todas
 as naturezas sublimes sempre provavelmente foram assim.

O genio tem estações, e tem horas; abrasamentos, e regêlos; esplendores solares, e trevas infernaes; 'nuns momentos, azas; 'noutros, grilhões e cépos; que vendo-se no espelho da consciencia, elle proprio se espanta de tamanhas diversidades; que, segundo ali se descobre, se deplora, ou se aplaude; verdadeiro quando se corôa por suas mãos; verdadeiro quando por suas mãos se flagella; e tão sincero, quando, esquecido dos Osanas, intôa os *de profundis*, como quando do seu esqualido sepulchro resuscita, e canta glorioso a sua victoria sobre a morte.

Estas alternativas, repetimo-l'o, são frequentes; são talvez pensão inseparavel de todos os meritos relevantes. Estudando-os de perto não é difficil reconhecel-as. Virgilio na hora esplendida escreve a Eneida; na hora negra Virgilio lavra em seu testamento que a Eneida seja queimada. E quando mesmo a compunha, que de vezes no seu infatigavel limar, relimar, e refazer, não duvidaria da Musa, do talento, de si, e do futuro! Ainda bem que essas afflictivas luctas se passam todas interiores! Sem isso, em que banho de rosas se não consolara a mediocridade, vendo cair a um e um os idolos da sua forçada adoração.

Monte-Alverne foi mais franco, menos artificioso que os especuladores de nomeada: sentiu e pensou para fóra. Lembravam-lhe os zoilos, exaltava-se; occurriam-lhe os amigos intelligentes e serios, trepidava e esmorecia. Parecia contradictorio, por isso mesmo que era sempre verdadeiro. Tão religioso no entusiasmo, como no abatimento: humilhava-se sentindo-se pelas suas imperfeições filho do pó; engrandecia-se para exaltação da sua ordem, da sua patria, e d'aquelle de quem só procedem os talentos e as virtudes.

(Continúa).

ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.